

SINCRETISMOS RELIGIOSOS

BRASILEIROS

**Pequeno estudo sobre alguns sincretismos religiosos surgidos no
Brasil entre 1500 e 1908**



Janeiro de 2009*

Renato Henrique Guimarães Dias

* Registrado no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional, em 28 / 01 / 2009

À minha querida família, com amor.

*“Posso conviver com a destruição das minhas crenças,
mas não posso abandonar a minha fé.
Posso rezar para o Deus do meu opressor, mas não posso
negar a minha Natureza.”*
*Extraído do videoclipe da música Feiticeiro Negro, de
Carlos Buby.*

Sumário

Introdução.....	8
O início de tudo: a religiosidade tupi.....	9
Os primeiros sincretismos surgidos no período colonial.....	16
Santidade.....	16
Toré.....	18
Pajelança.....	20
Os bantos.....	22
Outros sincretismos surgidos no período colonial.....	26
Calundu.....	26
Catimbó ou Culto à Jurema.....	27
Casas de Candomblé.....	29
Os sudaneses.....	30
Os sincretismos surgidos na Bahia durante o período imperial	32
Candomblé de Nação.....	32
Candomblé de Caboclo.....	40
Os sincretismos surgidos em Alagoas durante o período imperial	42
Xambá.....	42
Os sincretismos surgidos em Pernambuco durante o período imperial	43
Xangô do Nordeste.....	43
Os sincretismos surgidos no Maranhão durante o período imperial	44
Tambor de Mina.....	44
Tambor de Pajé ou Cura.....	45
Tambor da Mata ou Terecô	46
Os sincretismos surgidos no Pará durante o período imperial.....	47
Babassuê ou Batuque de Santa Bárbara.....	47
Os sincretismos surgidos no Rio Grande do Sul durante o período imperial.....	48
Batuque.....	48
Os sincretismos surgidos no Espírito Santo durante o período imperial.....	50
Cabula.....	50
Os sincretismos surgidos no Rio de Janeiro durante o período imperial.....	52
Zungu e Macumba.....	52
Os sincretismos surgidos no Rio de Janeiro no início da república.....	54
Omolocô.....	54
Almas e Angola.....	58
Vocabulário.....	61
A.....	61

B.....	64
C.....	65
D.....	67
E.....	69
F.....	71
G.....	72
H.....	72
I.....	72
J.....	74
K.....	74
L.....	75
M.....	76
N.....	79
O.....	79
P.....	83
Q.....	84
R.....	85
S.....	86
T.....	87
U.....	88
V.....	88
W.....	88
X.....	88
Y.....	89
Z.....	89
Fontes Consultadas.....	90
Livros.....	90
Periódicos.....	90
Internet.....	91

Índice de ilustrações

Figura 01 – As tribos do litoral.....	10
Figura 02 – Paliçada de vila Tupinambá com crânios no portão.....	11
Figura 03 – Dois chefes Tupinambás com os corpos adornados por plumas.....	11
Figura 04 – Família Tupinambá.....	11
Figura 05 – Provável área de origem e rotas de migração tupiguarani no Brasil.....	12
Figura 06 – Ritual tupinambá, com três pajés ao centro.....	14
Figura 07 – Planta típica de uma missão jesuíta.....	16
Figura 08 – Ameríndio praticante da Santidade.....	17
Figura 09 – Ritual do Toré.....	19
Figura 10 – Jurema.....	20
Figura 11 – Rotas do tráfico negreiro.....	23
Figura 12 – Atual região ocupada pela etnia banto (identificado pela cor laranja).....	23
Figura 13 – Provável área de origem e rotas de migração da etnia banto.....	24
Figura 14 – Indivíduos de cinco “nações” da etnia banto.....	25
Figura 15 – Uma mulher mina.....	30
Figura 16 – Mapa de Angola.....	55

Índice de tabelas

Tabela 01 - Alguns Inquices cultuados nos Candomblés de Nação Angola e Congo.....	33
Tabela 02 - Alguns Orixás cultuados nos Candomblés de Nação Ketu, Efã e Ijexá.....	36
Tabela 03 – Alguns Voduns cultuados no Candomblé de Nação Jeje-Fon e Jeje-Mahin.....	38
Tabela 04 – Famílias dos Voduns cultuados na Casa das Minas.....	44
Tabela 05 – Quadro de correspondência entre Lunda, Bacuros e Orixás no Omolocô.....	56
Tabela 06 – As Sete Linhas de Almas e Angola.....	59

INTRODUÇÃO

A partir de 1500, o território brasileiro tornou-se palco para o encontro de três grandes tradições culturais: a ameríndia, nativa da terra; a européia, trazida pelos colonizadores portugueses e a africana, trazidas pelos escravos bantos e sudaneses. Um encontro que foi desde o início marcado pela imposição da cultura européia às populações indígenas e africanas, refletida, principalmente, na imposição da religião cristã da Igreja Católica Apostólica Romana a esses dois grupos.

Essa tentativa forçada de aculturação sempre encontrou resistência, que acabou resultando em várias tentativas feitas por indígenas e africanos de conciliar os princípios de suas culturas e, por consequência, de suas tradições religiosas, a doutrina cultural e religiosa que lhes eram impostas.

Essas tentativas de preservação dos princípios e práticas religiosas indígenas e africanas, por meio da conciliação com os princípios e práticas católicas, acabou levando ao nascimento de várias religiões sincréticas em solo brasileiro, únicas no mundo, algumas delas existentes até os dias de hoje.

Infelizmente existem poucos estudos sobre a grande maioria delas. O que se fez aqui foi reunir, de forma sintética, informações que permitam fornecer uma idéia ampla de como elas são, como surgiram e se desenvolveram e os processos que levaram algumas delas a dar origem a outras.

O INÍCIO DE TUDO: A RELIGIOSIDADE TUPI

Embora várias nações indígenas habitassem o território brasileiro durante os primeiros anos da colonização européia, nenhum grupo foi tão influenciado pelos portugueses quanto os tupis¹, que no século XVI dominava quase todo o litoral brasileiro e era formado pelas tribos Potiguar², Tabajara, Caeté³, Tupinambá⁴, Tupiniquim, Temiminó e Tamoio⁵.

Estudos antropológicos recentes levam a crer que os tupinambás (incluindo aqui os tamoios que também eram tupinambás, apesar de receberem outro nome) eram a nação tupi por excelência e que as demais tribos seriam suas descendentes⁶. A nomenclatura pela qual se denominavam parece indicar isso, uma vez que tupinambá significa o grande pai macho.

1 Tupi significa “o grande pai”.

2 Potiguar significa “papa-camarão”.

3 Caeté significa “gente da floresta”.

4 Tupinambá significa “o grande pai macho”.

5 Tamoio significa “os anciões”.

6 BUENO, 2003, p. 19.

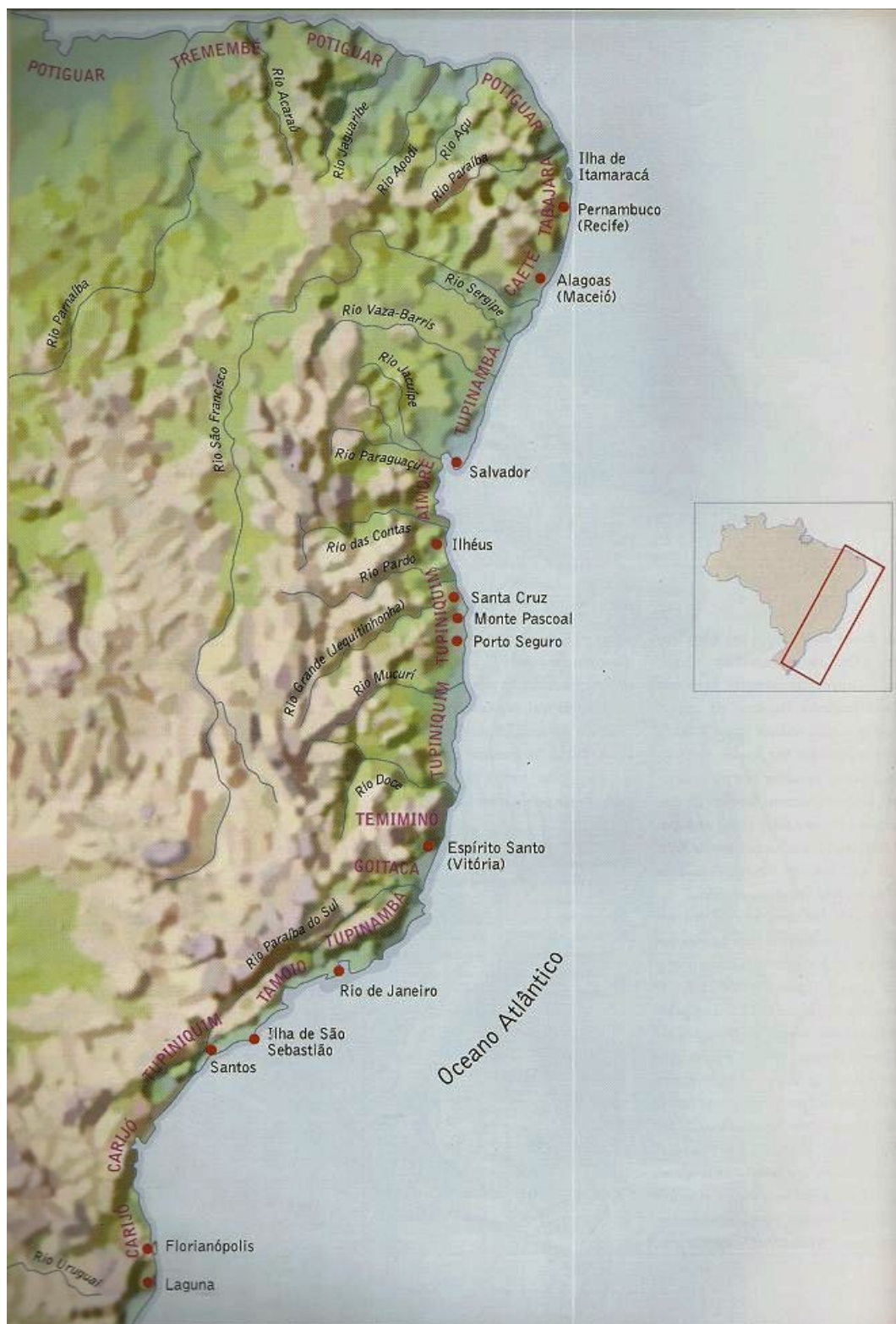


Figura 01 – As tribos do litoral.⁷

⁷ Figura disponível em BUENO, 2003, p. 18.

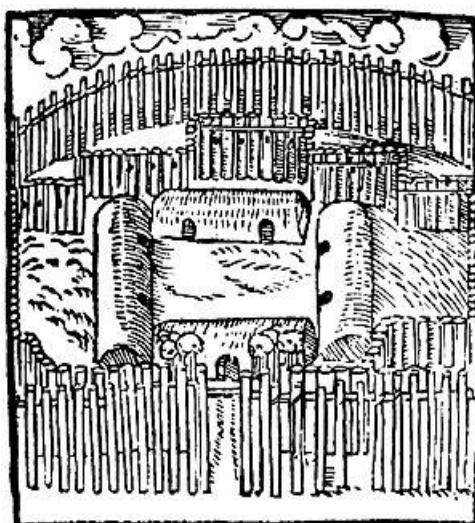


Figura 02 – Paliçada de vila Tupinambá com crânios no portão.⁸



Figura 03 – Dois chefes tupinambás com os corpos adornados por plumas.⁹



Figura 04 – Família tupinambá.¹⁰

Embora o litoral fosse dominado por eles, os tupis não eram originários dessas terras. Pesquisas antropológicas, arqueológicas e linguísticas recentes indicam que o provável local de sua origem seja a Amazônia Centro-Meridional, mais especificamente a região entre os rios Amazonas, Madei-

8 Ilustração do livro *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, 1557.

9 Ilustração do livro *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, 1557.

10 Ilustração de Theodor de Bry.

ra e Tapajós.

As pesquisas também indicam que em algum momento nos primeiros séculos da era cristã, por motivos ainda desconhecidos, eles iniciaram uma ampla migração religiosa em busca da “Terra Sem Males”, utilizando duas grandes rotas: uma pela litoral, que deu origem as tribos citadas acima e outra pelo vale do Rio Paraguai, que deu origem as tribos guaranis¹¹. Por volta do ano 1000 da era cristã, as tribos tupis já teriam conquistado quase todo o litoral brasileiro, exterminando ou expulsando para o interior os povos que consideravam bárbaros, que denominavam genericamente de tapuias¹².

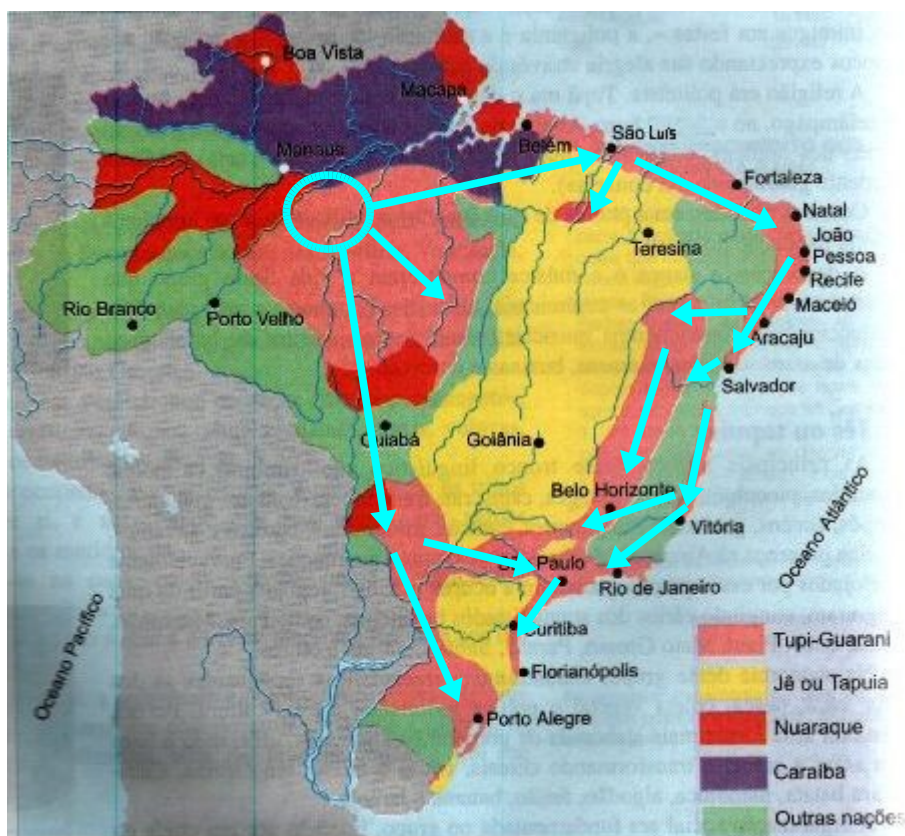


Figura 05 – Provável área de origem e rotas de migração tupiguarani no Brasil.¹³

Existem registros bem documentados sobre alguns aspectos da vida dos tupis. Sabemos que eles possuíam duas espécies de líderes: o chefe da tribo, chamado de morubixaba e o líder espiritual, chamado de pajé. Entre as ferramentas que fabricavam, estavam as canoas, cestos, objetos de cerâ-

11 Guarani significa guerreiro.

12 Tapuia significa bárbaro.

13 Figura disponível em <http://www.geocities.com/capitanias/indigenas.htm>. As rotas são de autoria do autor deste estudo.

mica, colares, braceletes, flechas, arcos, lanças, tacapes, machados de pedra e facas.

Entretanto, é muito difícil tentar reconstruir com detalhes as tradições religiosas e crenças tupis à época do descobrimento do Brasil, pois o que sabemos sobre elas deve-se aos relatos feitos por europeus que por diversos motivos se estabeleceram aqui no início do período colonial, tais como o cronista Gabriel Soares de Sousa, o mercenário alemão *Hans Staden* e os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, os quais não se preocuparam em estudar e deixar registros detalhados das mesmas.

O que podemos apreender dos relatos dos primeiros colonizadores sobre a religiosidade tupi foi muito bem sintetizado no trabalho de Vagner Gonçalves da Silva:

“Seu ponto central era o culto à natureza deificada. O pajé e o feiticeiro ou xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a eles competia realizar rituais de cura de doenças, expulsar maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos. A ingestão de alimentos e bebidas fermentadas em muitos grupos tinha uma função ritual. Mesmo a antropofagia que caracterizou os tupinambás se revestia de um tom sagrado. Acreditavam que, comendo a carne dos seus inimigos, apoderavam-se de sua valentia e coragem. O uso de instrumentos mágicos, chochalhos (maracás) e adornos feitos com penas de aves, era indispensável para o cerimonial do pajé. A fumaça derivada da queima do fumo [tabaco] também assumia um papel ritualístico importante.”¹⁴

Tomando por base as crenças dos povos indígenas modernos, pode-se supor que os rituais comandados pelos pajés teriam um papel importantíssimo na vida dos tupis, pois seria através deles que ocorreria a união da humanidade com a natureza, os espíritos ancestrais e os deuses. Seria também por meio desses rituais que se reafirmariam os laços de parentesco e solidariedade que os uniam, além de servirem como meio de partilhar alimentos.

Os tupis possuíam uma divindade suprema do bem que denominavam *Nhandervuçu*, deus da criação, da luz e a quem competia o ato divino do sopro da vida. *Nhandervuçu* teria sua morada no Sol e manifestava-se nas tempestades através de sua voz, na forma de *Tupã Cinunga*¹⁵ e de seu reflexo, na forma de *Tupã Beraba*¹⁶. Segundo Câmara Cascudo e Osvaldo Orico, foi somente com o trabalho da catequese, e com a confusão feita pelos jesuítas, que *Nhandervuçu* passou a ser chamado de *Tupã*¹⁷, em virtude das formas como essa divindade se manifestava durante as tempestades.¹⁸

14 SILVA, 2005, p.24.

15 *Tupã Cinunga* significa “o trovão”.

16 *Tupã Beraba* significa “o relâmpago”.

17 *Tupã* significa “golpe estrondante” ou “baque estrondante”.

18 WIKIPEDIA, *Tupã*, 2007.

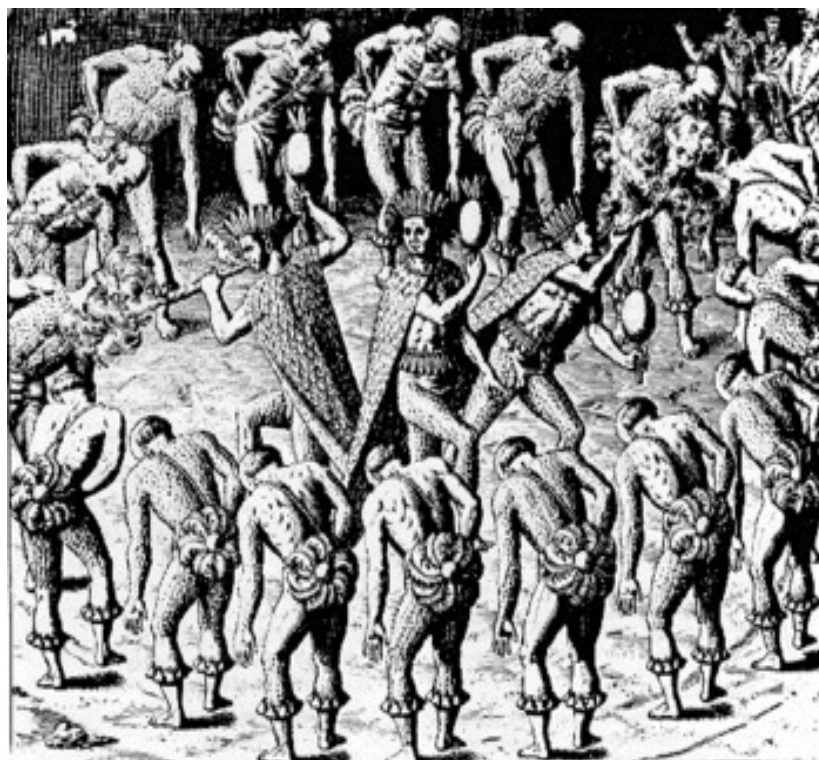


Figura 06 – Ritual tupinambá, com três pajés ao centro.¹⁹

Os tupis acreditavam também em outras divindades, como Guaraci²⁰, Jaci²¹, Caapora²², Uirapuru²³ e Iara²⁴ e em uma entidade civilizadora denominada *Iurupari*²⁵, filho da virgem *Chiuci*, que teria sido mandando a terra por Guaraci para reformar os costumes dos seres humanos. Segundo Diamantino Trindade²⁶, essa crença, que lembrava muito a história de Jesus Cristo, teria deixado os jesuítas apavorados.

De forma a tornar a religião católica mais fácil de ser assimilada pelos indígenas, os jesuítas associaram ao seu deus e santos os nomes de algumas divindades tupis. Foi assim, por exemplo, que *Nhandervuçu* passou a ser chamado de Tupã e foi transformado em Deus-Pai. Entretanto, na maioria dos casos, os jesuítas associaram os deuses indígenas aos demônios da doutrina católica. Foi o caso, por exemplo, de *Iurupari*, que teve sua imagem totalmente invertida e acabou sendo associado

19 *Dança Ritual dos Tupinambá*, ilustração de Theodor de Bry.

20 Guaraci era o deus do Sol.

21 Jaci era a deusa da Lua.

22 Caapora era o deus da floresta.

23 Uirapuru era o deus dos pássaros.

24 Iara era a deusa das águas.

25 *Iurupari* significa o mártir, o sacrificado.

26 TRINDADE In OLIVEIRA, 2003, p.18.

ao próprio diabo, embora sua história lembrasse muito a de Jesus.

Além de combaterem o culto a *Iurupari* e outros deuses, os jesuítas também combateram a autoridade dos pajés, o rito espiritualista de evocação dos espíritos ancestrais e o uso do tabaco como erva sagrada, apesar de adotarem seu consumo para uso pessoal.

OS PRIMEIROS SINCRETISMOS SURGIDOS NO PERÍODO COLONIAL

SANTIDADE

Como afirmado no início deste capítulo, a tentativa forçada de aculturação sempre encontrou resistência dos indígenas, que procuraram conciliar os princípios de suas tradições religiosas a doutrina religiosa que lhes eram imposta, levando ao nascimento de religiões sincréticas em solo brasileiro, únicas no mundo.

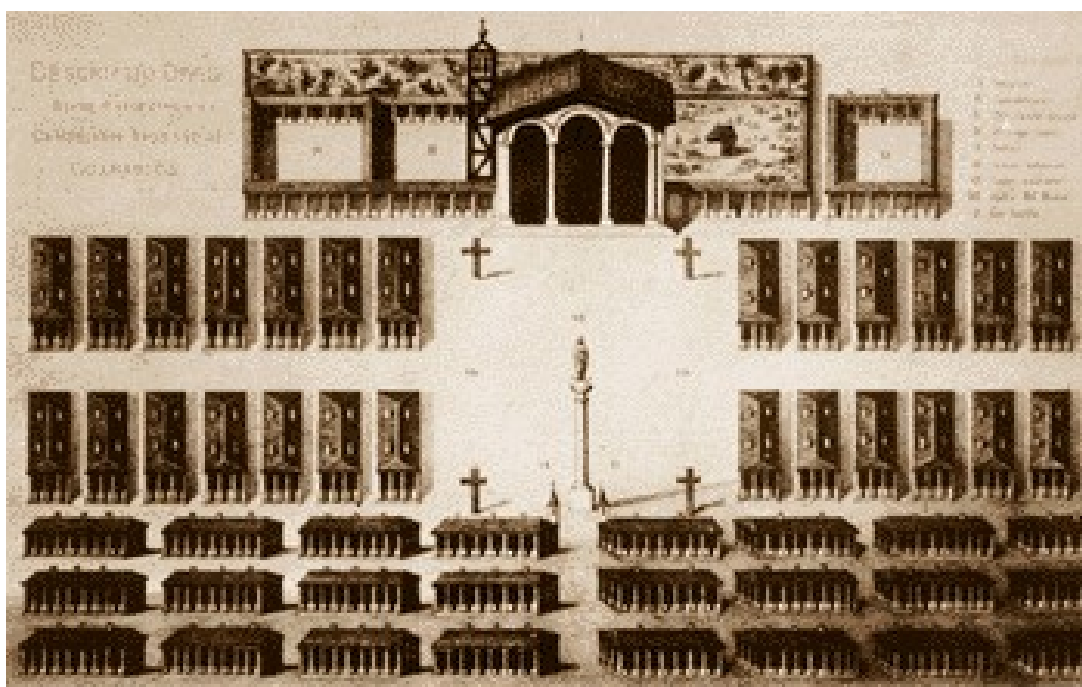


Figura 07 – Planta típica de uma missão jesuíta.²⁷

De acordo com registros históricos, a primeira religião sincrética surgida no Brasil ficou conhecida como Santidade, nome criado por Manoel da Nóbrega, em 1549, quando viu um pajé em transe pregando a outros indígenas.²⁸ Os primeiros registros dessa religião datam de 1551 em São Vicente, tendo ganhado força e se tornando mais expressiva no final do século XVI no sul da Bahia e na área do recôncavo baiano.²⁹

Como em alguns rituais tupis, as cerimônias da Santidade podiam durar vários dias e centravam-se no uso de trajes nativos (pena, arco, flecha, colares, máscaras), no uso do maracá, na fumaça de

27 MULTIRIO, Ação dos Jesuítas: Catequese e Aldeamentos, 2007.

28 VAINFAS, 2005, p. 43.

29 MULTIRIO, A Santidade, 2007.

rivada da queima do tabaco e no consumo de bebidas fermentadas, os quais induziam o estado de transe mediúnico que era denominado de Estado da Santidade, derivando daí o nome da religião.

Os adeptos da Santidade cultuavam um ídolo de pedra (chamado de *Tupanaçu*³⁰ na Santidade de Jaguaribe), que acreditavam possuir poderes sagrados, rezavam usando cruzes, terços e rosários, construíam “igrejas” e colocavam tábuas com desenhos de símbolos sagradas nelas, cultuavam alguns santos católicos e entoavam cantos em honra aos mesmos, faziam um ritual semelhante ao batismo e realizavam procissões.



Figura 08 – Ameríndio praticante da Santidade.³¹

Seus líderes eram os *payés-açu*, os grandes pajés, que em alguns lugares se autodenominavam “papas”. Eles pregavam aos indígenas, ou enviavam missionários para isso, em aldeias, engenhos e missões jesuítas, visando difundir a nova religião e estimular formas de resistência aos portugueses, dentre as quais incluíam-se fugas e ataques contra os povoados, engenhos e plantações de cana-de-açúcar.

Em 1610, segundo relato do governador Diogo de Menezes, existiam no recôncavo baiano mais de 20 mil indígenas e mestiços vivendo em aldeias onde se praticavam os rituais da Santidade. Relatos da Visitação do Santo Ofício, de 1591, contam que alguns senhores de engenho (por exemplo

30 *Tupanaçu* significa deus grande.

31 MULTIRIO, A Santidade, 2007.

Fernão Cabral de Ataíde) também teriam aderido a nova religião e permitido a celebração dos rituais da Santidade em suas fazendas.³²

Como forma de reprimir os constantes ataques feitos por adeptos da Santidade aos povoados e engenhos coloniais, Portugal declara, em 1613, guerra de extermínio a essa religião. Esses combates militares, somado aos combates religiosos que já eram empreendidos pela Igreja Católica, leva em poucos anos ao desaparecimento total da Santidade. A última referência específica a ela data de 1627, quando um grupo de indígenas atacou o engenho de Nicolau Soares, matando escravos, saqueando a propriedade e levando os índios ali residentes.³³

Infelizmente não encontrei em minhas pesquisas nenhum material que pudesse utilizar para identificar possíveis diferenças existentes entre a Santidade do sul e a do nordeste do país. Acredito que essas diferenças tenham existido, uma vez que nessas regiões os elementos da tradição religiosa tupi que foram sincretizados ao Catolicismo eram oriundos de tribos diferentes.

TORÉ

Devido as crescentes guerras entre portugueses e os tupis do litoral nordestino brasileiro a partir do início do século XVII, muitos desses acabaram migrando para o interior tentando preservar sua liberdade, cultura e tradições religiosas, entre elas a Santidade.

Tal deslocamento levou os antigos habitantes do litoral a viverem entre as tribos indígenas do interior (principalmente tribos das nações Jê e Kariri), o que ocasionou o contato entre culturas e tradições religiosas relativamente distintas e a consequente interação entre elas, que se traduziu, entre outras coisas, na adição de elementos da Santidade à religiosidade ameríndia, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida principalmente pelo nome de Toré.

O Toré é uma religião que ainda existe nos dias de hoje, sendo encontrada principalmente no interior do nordeste brasileiro, principalmente entre os diversos povos indígenas que lá habitam. A exemplo da Santidade, nos rituais do Toré são encontrados orações e imagens de santos, cantos e danças, o uso de trajes nativos (pena, arco, flecha, colares, máscaras), o uso do maracá, a fumaça derivada da queima do tabaco e o consumo da bebida fermentada chamada jurema (ou vinho da jurema), feita a partir da casca e das raízes da árvore de mesmo nome, que auxiliam na obtenção do transe mediúnico e a entrar em contato com os espíritos. Em algumas aldeias, rituais que guardam semelhança ao Toré são conhecidos pelos nomes de Ouricuri, Praiá e Particular.³⁴

32 MULTIRIO, A Santidade, 2007.

33 MULTIRIO, A Santidade, 2007.

34 PEREIRA, 2008.



Figura 09 – Ritual do Toré.³⁵

O Toré pode ser entendido como uma religião em que seus adeptos buscam uma maneira de amenizar ou extinguir seus sofrimentos, reequilibrar suas energias e harmonizar seus relacionamentos, sendo utilizado para isso ervas, cantigas e danças ensinadas pelos pajés quando em contato com os espíritos de juremados³⁶ e caboclos, através do transe mediúnico. No Toré acredita-se que muitos dos caboclos que se comunicam sejam indígenas ou mestiços indígenas-brancos que se encantaram, isto é, que deixaram de ter uma existência corpórea sem terem morrido, vivendo escondidos no mato ou em aldeias longínquas ou míticas. É dessa crença que surgiu a expressão “Caboclos Encantados” para designar esses seres especiais.

Existem dois tipos de rituais no Toré: o público e o “particular”. O primeiro ocorre em dias e locais predeterminados, é aberto à qualquer público (daí sua designação) e tem por objetivo a reunião da comunidade e a divulgação das tradições indígenas aos visitantes, podendo ocorrer ou não o consumo da jurema. O segundo é praticado apenas na aldeia, é restrito aos iniciados e poucos convidados e é nele que ocorre o contato com os Caboclos Encantados, a utilização do fumo como elemento de defumação e o uso da taioba (saia) e do pujá (tocado) elaborados com fibra de caroá.³⁷

Pelo Toré pode-se ter uma idéia da importância que a jurema, das espécie preta (*mimosa hostilis benth*) e branca (*vitex agmus castus*), tinha como árvore sagrada para os indígenas do interior do nordeste. Apesar do consumo da bebida feita a partir dela ter sido combatido pela Igreja Católica, chegando inclusive a ser proibido em lei pelos portugueses (muitos foram presos por desobedecer a essa lei), seu uso ritual sobreviveu a séculos de repressão e acabou sendo legado a todas as demais

35 PEREIRA, 2008.

36 Juremados são espíritos em processo de “caboclicização”, ou seja, de se tornarem caboclos.

37 PEREIRA, 2008.

religiões que surgiram nessa região do Brasil.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.



Figura 10 – Jurema.³⁸

PAJELANÇA

Com o início dos trabalhos de catequese na região amazônica no primeiro quartel do século XVII, a partir da cidade de São Luís do Maranhão, iniciou-se um processo de sincretismo entre a religiosidade ameríndia local e o catolicismo, semelhante ao que ocorrera no litoral tupi, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida pelo nome de Pajelança.

Embora o termo pajelança acabe sendo usado para designar todo e qualquer ritual ameríndio, ele possui aqui um outro sentido. O termo Pajelança (com a letra P maiúscula) designa aqui a religião sincrética de caráter mágico-curativa que existe nos dias de hoje na região amazônica, sobretudo nos estados do Pará e do Amazonas.

A exemplo da Santidade e do Toré, nos rituais da Pajelança são encontrados o uso de trajes nativos (pena, arco, flecha, colares, máscaras), cantos e danças, a fumaça derivada da queima do tabaco e o consumo de bebidas fermentadas, que permitem ao pajé entrar em transe místico e ter visões e

38 Figura disponível em <http://www.ayahuasca-info.com/data/images/jurema1.jpg>

incorporar espíritos. Em algumas Pajelanças pode-se encontrar também a devoção aos santos católicos.

Uma característica marcante da Pajelança é que além de incorporarem os espíritos dos antepassados das tribos e de antigos chefes do culto, os pajés também incorporam espíritos animais, sejam eles reais (jacarés, botos, cavalos-marinhos, cobras) ou imaginários (mãe d'água, cobra-grande), por meio dos quais descobrem a causa das doenças de seus consulentes e os remédios para eles.³⁹

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

39 SILVA, 2005, p. 89.

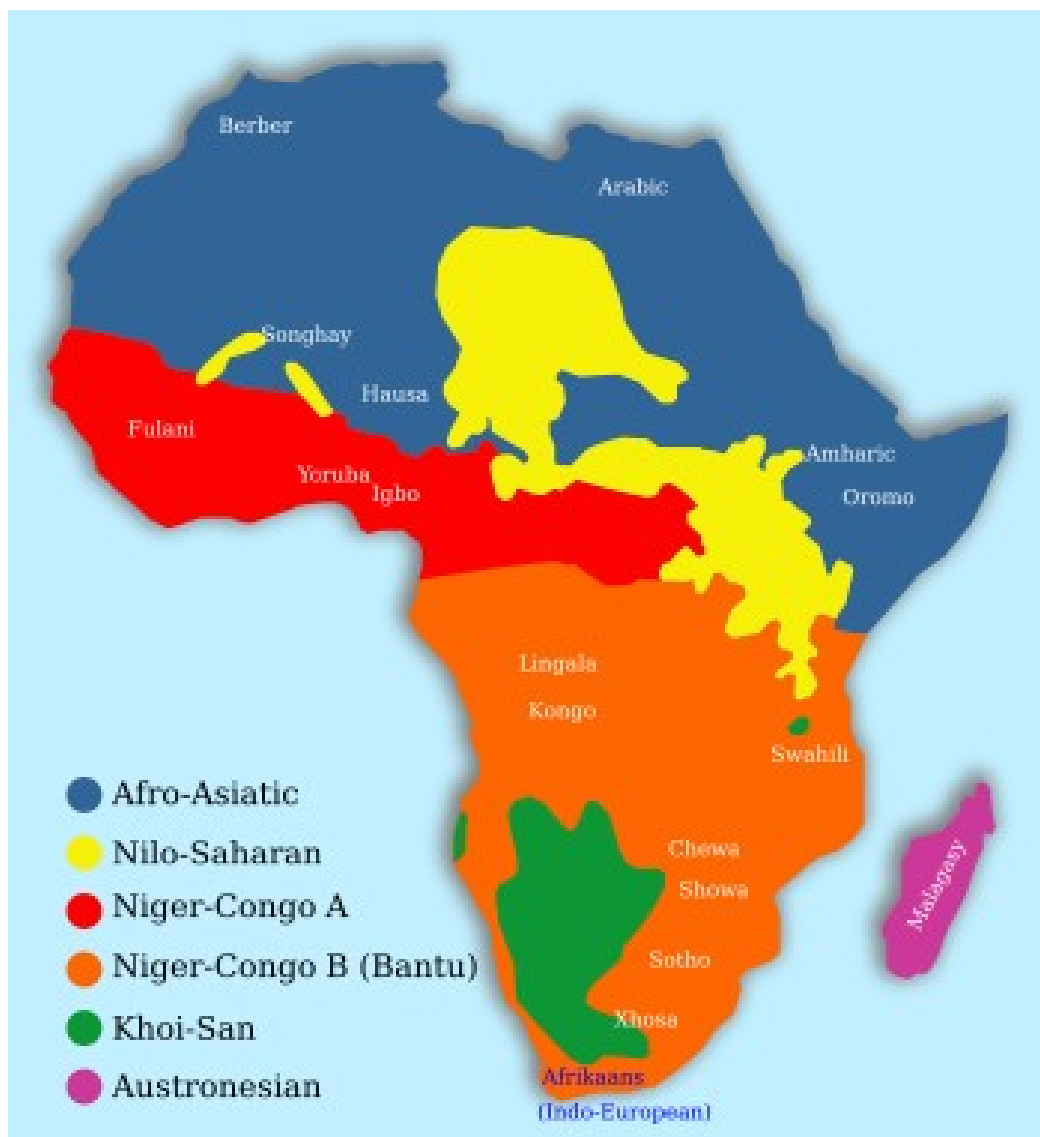


Figura 12 – Atual região ocupada pela etnia banto (identificado pela cor laranja).⁴²

Apesar de os bantos dominarem praticamente toda a África Subsaariana nos séculos citados acima, pesquisas arqueológicas recentes indicam que a provável área de origem ancestral desta etnia é o sudeste da atual Nigéria, ao longo do vale do *Cross River*, e que por volta de 2.000 a.C. eles teriam iniciado uma grande migração para o sul, através da qual difundiram suas tradições.⁴³

⁴² Figura disponível em http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:African_languages.png

⁴³ DORLING KINDERSLEY LIMITED, 2005, p. 160.

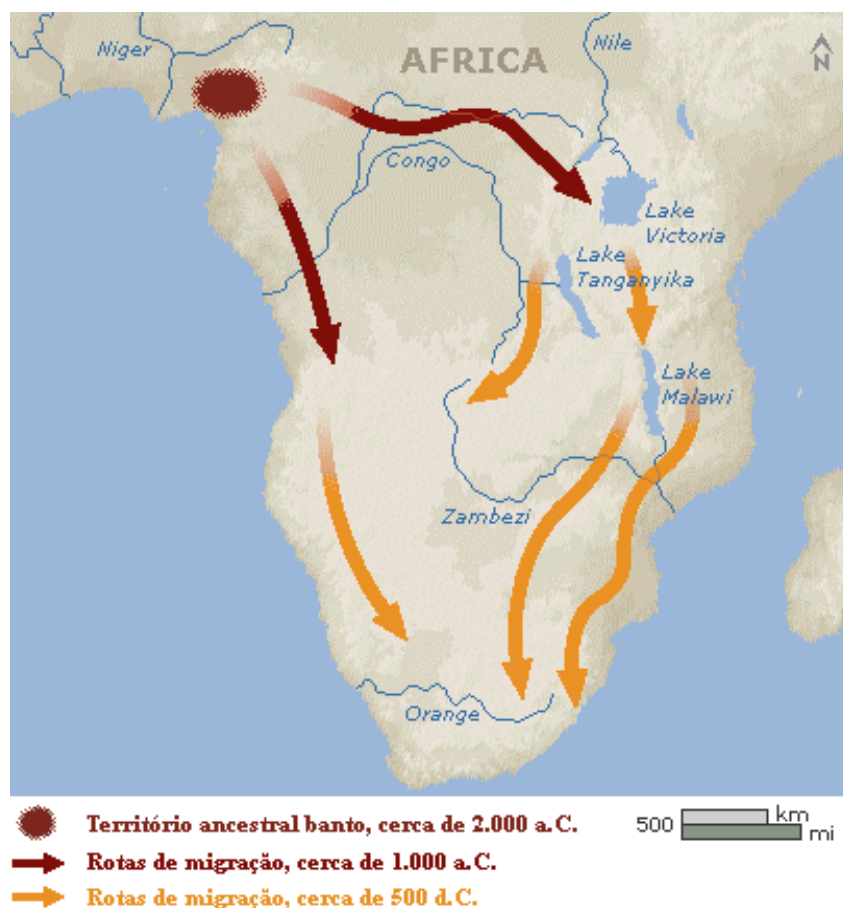


Figura 13 – Provável área de origem e rotas de migração da etnia banto.⁴⁴

Parece que a grande maioria dos bantos que foram trazidos para o Brasil cultuavam um deus supremo chamado de *Nzambi*⁴⁵, *Nzambi Mpungu*⁴⁶ ou *Anganga Nzambi*⁴⁷ e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Inquices. Entre as línguas faladas por esta etnia estão o quicongo (Congo e Norte de Angola), o quimbundo (centro de Angola) e o umbundo (sul de Angola).

Durante o período colonial brasileiro, os africanos vendidos no litoral eram classificados em nações, as quais estavam relacionadas ao porto ou região em que era realizado o comércio de escravos com os europeus. Assim, com base nesse sistema, a etnia banto foi dividida em “nações”, sendo algumas delas: Angola, para os embarcados em Luanda; Benguela, para os embarcados em Benguela; Cabinda, para os embarcados em Cabinda; Congo, para os embarcados em Loango e Malemba; e Moçambique, para os embarcados em Moçambique e Maputo.

44 Adaptado da figura disponível em <http://images.encarta.msn.com/xrefmedia/aencmedtargetsmaps/mhi000f2413.gif>

45 *Nzambi* significa Deus.

46 *Nzambi Mpungu* significa Deus Supremo.

47 *Anganga Nzambi* significa Senhor Deus.

Assim que chegavam ao Brasil, os africanos escravizados eram logo submetidos a aculturação portuguesa, traduzida principalmente na catequese católica: eram batizados e recebiam um nome “cristão”, pelo qual seriam conhecidos a partir daquele momento.

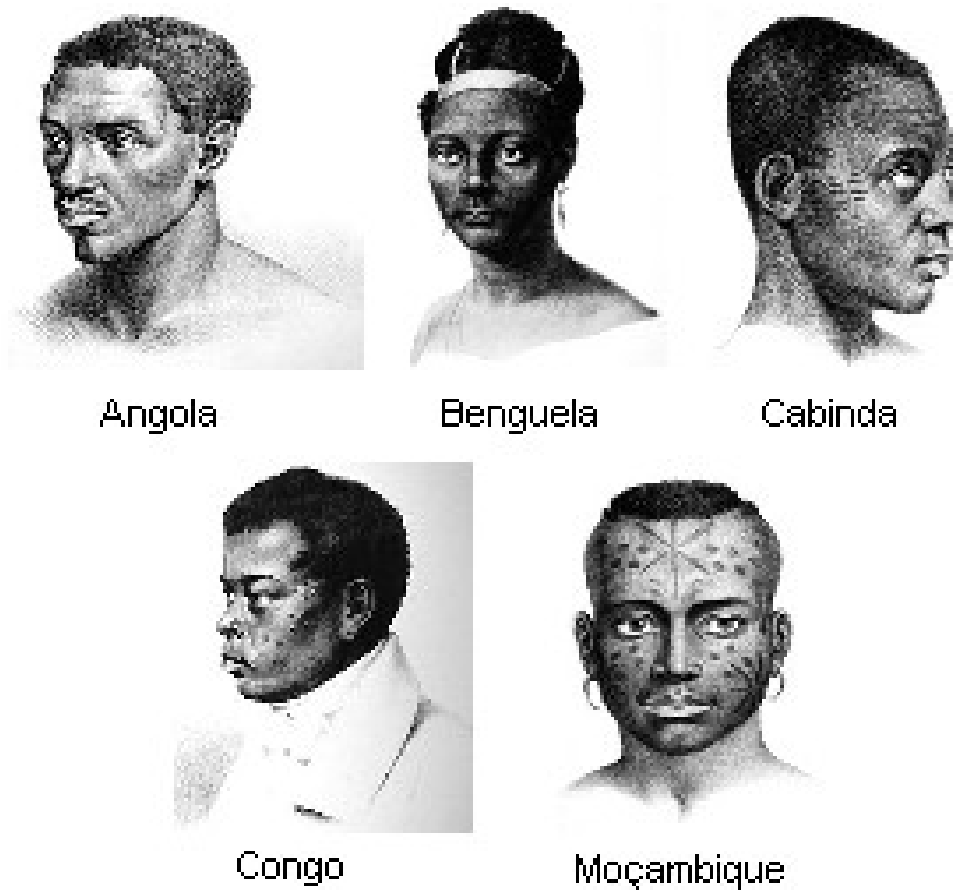


Figura 14 – Indivíduos de cinco “nações” da etnia banto.⁴⁸

48 Mosaico criado com base nas figuras feitas por Rugendas, disponível em http://www.brevescafe.oi.com.br/trafico_rugen.htm

OUTROS SINCRETISMOS SURGIDOS NO PERÍODO COLONIAL

CALUNDU

Assim como os tupis, os bantos também tentaram preservar suas tradições religiosas no Brasil, adaptando suas crenças às condições de escravidão a que estavam submetidos. A principal forma encontrada por eles (a semelhança do que foi feito pelos tupis décadas antes) foi associar os santos católicos aos seus deuses, no caso os Inquices, de acordo com as características que ambos (santos e Inquices) possuíam em comum. Foi a partir deste sincretismo, ocorrido no interior das senzalas a partir do final do século XVI, que nasceu a primeira manifestação sincrética da religiosidade banto-católica no Brasil: o Calundu.

Seu nome foi originado da palavra banto calundu, que até o século XVIII foi utilizada para designar genericamente a manifestação de práticas africanas relacionadas a danças e cantos coletivos, acompanhadas por instrumentos de percussão, nas quais ocorria a invocação e incorporação de espíritos e a adivinhação e curas por meio de rituais de magia.⁴⁹

Como manifestação sincrética banto-católica, o Calundu era organizado basicamente em torno de seu chefe de culto e englobava uma grande variedade de cerimônias que associavam elementos bantos (atabaques, transe mediúnico, banhos de ervas, trajes rituais, sacrifícios de animais), católicos (cruzes, crucifixos, hóstias, anjos e santos) e crenças espiritualistas européias (adivinhação por espelhos, espíritos que transmitem mensagens através de objetos).⁵⁰ Por causa disso é possível afirmar que cada unidade de culto do Calundu era único, diferindo dos demais por um ou mais elementos ritualísticos.

O Calundu foi uma manifestação sincrética nacional, existindo relatos dessa prática na Bahia, em Pernambuco e em Minas Gerais, inclusive em várias cidades coloniais da região mineradora, tais como Arraial de São Sebastião, Itapecerica, Campanha e Mariana. Um dos relatos escritos mais antigos sobre o Calundu é o *Compêndio narrativo do peregrino da América*, obra de Nuno Marques Pereira publicada em 1728, no qual esse viajante português ao indagar o dono da fazenda onde encontrava-se hospedado o que seriam calundus, obteve a seguinte resposta:

*“São uns folguedos ou adivinhações que dizem estes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos também usam deles cá, para saberem várias cousas, como as doenças de que sofrem, e para adivinharem algumas cousas perdidas, e também para terem ventura em suas caçadas e lavouras, e para outras cousas.”*⁵¹

49 SILVA, 2005, p. 43.

50 SILVA, 2005, p. 45-46.

51 CALAINHO, 2005, p. 69.

Pelo texto dos parágrafos acima, chama atenção a aparente tolerância ao Calundu manifestada pelos proprietários de escravo. Muito provavelmente essa atitude devia-se a crença deles de que com essa prática os africanos manteriam vivas, dentro da senzala, as rivalidades tribais existentes na África, o que dificultaria a formação de rebeliões ou fugas. É importante ressaltar que, apesar dessa tolerância, os aspectos ritualísticos do Calundu ligados à magia e à incorporação de espíritos eram frequentemente combatidos por serem consideradas coisas malignas, surgindo daí a expressão magia negra para designar a magia voltada para o mal, que na mentalidade da época era “coisa de negro”.

CATIMBÓ OU CULTO À JUREMA

Ao longo de todo o período de escravidão negra no Brasil, inúmeras foram as tentativas bem sucedidas de fugas das senzalas empreendidas pelos africanos. Os relatos dos inúmeros quilombos existentes no país ao longo dos períodos coloniais e imperiais são a prova mais marcante disso. Entretanto, no início, antes do surgimento dos primeiros quilombos, os africanos que conseguiam sucesso em suas fugas só conseguiam abrigo nas aldeias indígenas do interior.

Mais do que abrigar os primeiros africanos bantos fugidos das senzalas, as aldeias indígenas abrigariam toda a cultura e religiosidade deles, que acabaria por influenciar sua própria cultura e religiosidade. Foi muito provavelmente no nordeste do século XVII, que uma pequena parcela de religiosidade banto acabou se misturando ao sincretismo ameríndio-católica do interior, levando ao surgimento da primeira religião sincrética brasileira surgida da fusão religiosa dos três povos formadores do país: o Catimbó, também conhecido como Culto à Jurema.

O Catimbó é uma religião que existe até os dias de hoje e pode ser encontrado em praticamente todo o nordeste, principalmente no interior. Sua principal matriz religiosa é a ameríndia, misturada a elementos católicos portugueses e com menor ou maior influência africana dependendo do lugar de reunião. Sobre suas práticas religiosas, nos diz Luiz Assunção:

“(...) é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos de antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros. Tem por base um sistema mitológico no qual a jurema é considerada árvore sagrada e, em torno dela, dispõe-se o “reino dos encantados”, formado por cidades, que por sua vez são habitadas pelos “mestres”, cuja função, quando incorporados, é curar doenças, receitar remédios e exorcizar as “coisa-feitas” e os maus espíritos dos corpos das pessoas. O culto da jurema caracteriza-se, ainda, pela ingestão de uma bebida sagrada, feita com a casca da árvore e que tem por finalidade propiciar visões e sonhos, e pelo intensivo do

fumo, utilizado na defumação feita com a fumaça dos cachimbos.”⁵²

Apesar de também existirem a incorporação de Caboclos no Catimbó, seu culto baseia-se principais nas entidades conhecidas como Mestres da Jurema (ou apenas Mestres). É através deles que se realiza o principal trabalho das entidades do Catimbó, a cura de doenças e a receita de remédios para os males físicos, podendo também ocorrer trabalhos para solucionar alguns problemas materiais e amorosos. Cabe também aos Mestres e aos Caboclos realizar a limpeza espiritual dos adeptos e a expulsar maus espíritos das pessoas.

Os Mestres são entidades que se especializam em determinada erva ou raiz e que guardam muito do comportamento e personalidade de sua última encarnação, o que os torna muito naturais e espontâneos, além de possuírem uma forte ligação com a sua caracterização física. Seu símbolo é o cachimbo e em seus assentamentos é sempre encontrado um fumo de rolo. Uma característica que chama a atenção é que não existem Mestres do bem ou do mal: eles tanto podem trabalhar para um quanto para o outro, dependendo da orientação do local de culto e do médium.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

Comum a todos os locais de culto do Catimbó é a Mesa de Jurema, altar junto ao qual são consultados os espíritos e onde são oferecidas as obrigações que a eles se deva. Nelas podem ser vistos recipientes de barros contendo troncos de plantas, simbolizando as cidades dos principais Mestres da casa, juntamente com imagens de alguns santos católicos, maracás, cachimbos, taças ou copos cheios de água, chamados de Príncipes e vasilhas redondas de vidro ou louça, chamadas de Princesas. É nas Princesas que são preparadas a bebida jurema e onde são oferecidos alimentos ou bebidas aos Mestres.⁵³

Um ritual comum a praticamente todos os locais de culto é a juremação, que consiste na implantação de uma semente da jurema por baixo da pele do discípulo. Existem três diferentes formas para que isso ocorra: na primeira, um Mestre promete ao discípulo e após algum tempo surge a semente por baixo da pele dele; na segunda, o dirigente de culto realiza um ritual onde o discípulo recebe uma semente e o vinho da jurema para ingerir e após sete dias consecutivos, durante os quais ocorre abstinência sexual e nos quais o discípulo é levado em sonhos pela entidade para conhecer as cidades e aldeias onde eles residem, a semente ingerida aparece embaixo de sua pele; na terceira, o juremeiro implanta a semente da jurema, através de um corte realizado na

52 ASSUNÇÃO, 2006, p. 19.

53 WWW.CATIMBO.COM.BR, 2005.

pele do braço.⁵⁴

CASAS DE CANDOMBLÉ

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, cresce o número de cidades em todo o país, particularmente na região mineradora, em parte devido as características dessa atividade econômica. Devido a esse fato, surge uma situação completamente nova em todo o território colonial: o aumento do número de negros e mulatos alforriados (livres) e de escravos circulando com relativa liberdade nessas áreas urbanas.

É a partir das residências desses negros e mulatos livres, localizadas em sua grande maioria em casebres e cortiços, que as manifestações religiosas de origem africana encontraram condições mínimas para se desenvolverem, locais onde os afro-descendentes poderiam realizar suas festas com certa frequência e construir e preservar os altares com os recipientes consagrados aos seus deuses.⁵⁵ E são nessas residências que surge, em fins do século XVIII e início do século XIX, uma nova manifestação sincrética brasileira, que ficou conhecida na Bahia como Casas de Candomblé.

O Candomblé surge com base no fortalecimento das tradições religiosas bantós preservadas no sincretismo do Calundu e a assimilação de algumas poucas práticas indígenas que sobreviviam nos quilombos e nas aldeias indígenas dos arredores deles. É interessante notar a importante relação de ajuda mútua que existia entre as Casas de Candomblé e os quilombos que se localizavam mais próximo das zonas urbanas.

Devido a servirem como moradia e também como local de culto, as Casas de Candomblé se estruturaram com base nas famílias-de-santo, que estabeleceu entre seus adeptos uma espécie de parentesco religioso, característica que foi um importante legado a outras religiões sincréticas que se originaram a partir dele.

Assim como outras manifestações sincréticas, nestas não existia uma doutrina formal de culto, um padrão. Além dos fundamentos básicos dessas manifestações, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que fez de cada um deles único em seu formato ritualístico

54 WWW.CATIMBO.COM.BR, 2005.

55 SILVA, 2005, p. 48.

OS SUDANESES

A partir da década de 1840⁵⁶ intensifica-se o tráfico de escravos da etnia sudanesa através da Rota da Mina, que tinha como origem os portos africanos de Lagos, Calabar e, principalmente, São Jorge da Mina, superando no período todas as demais em termos de escravos trazidos ao Brasil.

A etnia sudanesa era originada principalmente da África Ocidental, na região onde hoje estão localizados Nigéria, Benin, Togo e Gana e é formada pelos povos iorubá, ewe, fon e mahin, entre outros. À semelhança do que ocorreu com a etnia banto, muitos escravos da etnia sudanesa ficaram conhecidos como mina no Brasil, em virtude do porto em que embarcavam na África: São Jorge da Mina.



Figura 15 – Uma mulher mina.⁵⁷

Apesar de inicialmente muitos terem ficado conhecidos apenas como mina, ao longo do século XIX os escravos da etnia sudanesa passaram a ser conhecidos sobre outra nomenclatura, devido a rivalidade e a diferença cultural existente entre os povos iorubá e ewe/fon, que foi transportada da África para o Brasil junto com eles. Dessa forma, o povo iorubá passou a ser conhecido no Brasil como mina-nagô ou nagô, enquanto os povos ewe, fon e mahin ficaram conhecidos como mina-jeje ou jeje, termo este que advém do iorubá *adjeje* que significa estrangeiro, forasteiro e era usada de forma pejorativa pelos iorubás para designar as pessoas que habitavam a leste de seu território.

Os nagôs que foram trazidos para o Brasil tinham como idioma a língua iorubá e cultuavam um

56 SOARES, 2006, p.47.

57 Mina ou Nagô fotografada por Auguste Stahl em 1865.

deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás. Apesar de na África existirem cerca de 400 Orixás, a grande maioria deles era cultuada em apenas uma cidade, aldeia ou tribo, sendo poucos os que possuíam um culto em várias localidades.

Os jejes que foram trazidos para o Brasil cultuavam uma divindade suprema chamada de Mawu e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Voduns. Apesar de na África existirem cerca de 450 Voduns, e a exemplo do que ocorreu com os Orixás, a grande maioria deles era cultuada em apenas uma cidade, aldeia ou tribo, sendo poucos os que possuíam um culto em várias localidades.

Assim como ocorreu com os bantos, os escravos sudaneses trouxeram para o Brasil parte de sua cultura e de suas crenças religiosas, que foram pouco a pouco levadas para dentro de algumas manifestações sincréticas aqui existente, devido aos negros alforriados e aos escravos fugidos que buscavam refúgio nos quilombos, levando ao aparecimento de diversas religiões sincréticas em solo brasileiro no século XIX, muitas delas com base nas Casas de Candomblé.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NA BAHIA DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

CANDOMBLÉ DE NAÇÃO

Com a intensificação da adição de elementos sudaneses às Casas de Candomblé no séc. XIX, estas acabaram por dar origem a uma nova religião sincrética brasileira conhecida como Candomblé de Nação⁵⁸, a qual encerra dentro de si três modelos de culto relacionados as principais etnias e povos trazidos como escravos para o Brasil: a banto, a sudanesa nagô e a sudanesa jeje.

O modelo de culto banto é o mais difundido em todo o Brasil, podendo ser encontrado principalmente nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco, de Minas Gerais, de Goiás e do Rio Grande do Sul. Ele é formado pelas nações Angola, Congo e Muxicongo, cuja principal diferença reside na língua de origem banto utilizada nos rituais. Apesar dessa diferença na língua, existe uma grande semelhança entre os rituais, o que faz com que atualmente alguns pesquisadores considerem todas as nações fundidas na Nação Angola.

O modelo de culto sudanês nagô é formado pelas nações Ketu (ou Queto), Efã e Ijexá. O Candomblé de Nação Ketu é praticado em quase todo o Brasil, principalmente na Bahia, sendo o que apresenta atualmente a maior divulgação nacional entre todos os Candomblés de Nação, devido ao grande número de escritores e cantores baianos que passaram a divulgá-lo. O Candomblé de Nação Efã é praticado principalmente nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. O Candomblé de Nação Ijexá é praticado principalmente na Bahia.⁵⁹

O modelo de culto sudanês jeje é formado pelas nações Jeje-Fon e Jeje-Mahin. Tanto o Candomblé de Nação Jeje-Fon quanto o Candomblé de Nação Jeje-Mahin são praticados principalmente na Bahia, podendo ser encontrados também no Rio Grande do Sul, em Pernambuco e em São Paulo.⁶⁰

Contando com a relativa liberdade religiosa dos séculos XX e XXI, os adeptos dos Candomblés de Nação procuram reproduzir em solo brasileiro a forma como suas divindades eram cultuadas por seus ancestrais africanos, o que levou alguns deles a realizarem pesquisas *in loco* em aldeias e templos na África para aprenderem os rituais que foram perdidos nas brumas do tempo da escravidão.

Os Candomblés de Nação Angola, Congo e Muxicongo cultuam um deus supremo chamado *Nzambi* ou *Zambi* (também conhecido como *Nzambi Mpungu* ou *Zambiapongo*) e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Inquices. Os atabaques são tocados com as mãos e as

58 O termo nação associado ao nome da religião foi adotado pelos seus adeptos com o objetivo de distinguir a forma de culto das divindades, associado a etnia africana da qual descenderiam.

59 MANUELA, 2007.

60 MANUELA, 2007.

cantigas possuem muitos termos em português.

Os fundamentos dos Candomblés de Nação do modelo de culto banto, muitos dos quais incluem ou são baseados nas histórias, lendas e mitos acerca dos Inquices, são passados oralmente pelos sacerdotes da religião, chamados de *Tata Nkisi* (masculino) ou *Mametu Nkisi* (feminino). Para se atingir o grau de sacerdote na nação Angola é necessário passar por sete rituais, os quatro últimos ligados ao tempo de iniciação na religião (1 ano, 3 anos, 5 anos e 7 anos), nos quais são ensinadas as tradições religiosas, as danças, as cantigas, o preparo das comidas sagradas, a cuidar de espaços sagrados e os votos de segredo e obediência. Completada esta etapa, o novo sacerdote deve renovar as obrigações maiores de 7 em 7 anos para conservar-se forte.

Além do jogo de búzios, os Candomblés de Nação Angola, Congo e Muxicongo utilizam um outro sistema divinatório chamado de *Ngombo*, cujo responsável pela prática é conhecido como *Kambuna*.

Tabela 01 - Alguns Inquices cultuados nos Candomblés de Nação Angola e Congo.⁶¹		
Inquice	Atributo	OBS
Nzambi ou Zambi	Deus supremo	<i>Mpungu</i> (todo poderoso) e <i>mu-ambi</i> (criador) são qualidades de <i>Nzambi</i>
Aluvaia	Inquice mensageiro, guardião das encruzilhadas e da entrada das casas e templos	
Bombo Njila	Inquice mensageiro, guardião das encruzilhadas e da entrada das casas e templos	
Gongobira	Inquice da caça e da pesca	
Hongolo ou Angorô	Inquice do arco-íris, auxilia na comunicação entre os humanos e os outros Inquices	Na sua manifestação feminina é chamado de Hongolo Meia ou Angoroméa Representado por uma cobra
Kabila	Inquice do pastoreio e da caça	
Kafungê	Inquice da varíola, das doenças, da saúde e da morte	

61 Tabela organizada com base nas informações extraídas de DAMASCENO, 2008; MANUELA, 2007; PRANDI, 2008; SILVA, 2005.

Tabela 01 - Alguns Inquices cultuados nos Candomblés de Nação Angola e Congo.		
Inquice	Atributo	OBS
Kaiangu	Inquice guerreira dos ventos, das tempestades e que possui domínio sobre os espíritos dos mortos	Matamba, Bamburussenda, Nunvurucemavula são qualidades desse Inquice
Kaitumbá	Inquice dos mares e oceanos	
Katende	Inquice das folhas e dos segredos das ervas medicinais	
Kaviungo ou Kavungo	Inquice da varíola, das doenças, da saúde e da morte	
Kingongo	Inquice da varíola, das doenças, da saúde e da morte	
Kisimbi	Inquice de lagos e rios, a grande mãe	
Kitembo ou Tempo	Inquice do tempo e das estações	Patrono da nação Angola, representado por um mastro com uma bandeira branca
Kokueto	Inquice dos mares e oceanos	
Lembá	Inquice da paz, conectado à criação do mundo	
Luango	Inquice dos trovões e auxiliar de Nvunji no nascimento de crianças	
Mikaiá	Inquice dos mares e oceanos	
Mutakalambo	Inquice da caça e da comida abundante	
Ndanda-Lunda	Inquice da água potável, das águas calmas, da lua e da fertilidade	
Nkosi	Inquice da guerra, senhor dos caminhos, das estradas e da metalurgia	Mukumbe, Biolê e Buré são qualidades desse Inquice
Nsumbu	Inquice da terra	Nação Angola
Ntoto	Inquice da terra	Nação Congo
Nvunji	Inquice da justiça, da felicidade da juventude e do nascimento das crianças	

Tabela 01 - Alguns Inquices cultuados nos Candomblés de Nação Angola e Congo.		
Inquice	Atributo	OBS
Nzazi ou Zazi	Inquice dos raios e da entrega de justiça aos humanos	
Nzumbarandá ou Zumbaradá	Inquice da terra molhada, da água turva dos pântanos, ligada à morte e a mais velha dos Inquices	
Pambu Njila	Inquice mensageiro, guardião das encruzilhadas e da entrada das casas e templos	
Samba Nkisi	Inquice de lagos e rios, a grande mãe	
Teleku-Mpensu	Inquice da pesca	
Vangira	Inquice mensageira, guardiã das encruzilhadas e da entrada das casas e templos	

Os Candomblés de Nação Ketu, Efã e Ijexá cultuam um deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás. Os atabaques são tocados com aguidavis (espécie de varinha) e as cantigas são quase todas na língua iorubá.⁶²

Apesar de existir na África cerca de 400 Orixás, só alguns tiveram parte do seu culto preservado no Brasil, em um total que não ultrapassa 40 divindades. Um fato que chama a atenção é que algumas divindades que originalmente eram Voduns na África foram adicionadas ao panteão nagô e passaram a fazer parte do ritual, sendo inclusive consideradas no Brasil como Orixás.

Nos Candomblés de Nação do modelo nagô existe ainda o culto aos eguns, ou espíritos dos ancestrais, que ocorre no quarto de balê, um recinto separado do local onde se cultua os Orixás, e que possui um sacerdote próprio, chamado de Baba Ojé, preparado especialmente para este tipo de culto.

Os fundamentos dos Candomblés de Nação do modelo de culto sudanês nagô, muitos dos quais incluem ou são baseados nas histórias, lendas e mitos acerca dos Orixás, são passados oralmente pelos sacerdotes da religião, chamados de Babalorixá (masculino) e Yalorixá (feminino), durante os rituais de iniciação e de elevação hierárquica. Além das tradições religiosas, nestes rituais também

62 MANUELA, 2007.

são ensinados as danças, as cantigas, o preparo das comidas sagradas, a cuidar de espaços sagrados e os votos de segredo e obediência.

Um fenômeno interessante que parece ter surgido no Candomblé de Nação Ketu (e dele se espalhado para as demais nações) é o movimento de recuperação das raízes africanas, o qual tem rejeitado o sincretismo com o catolicismo e com as práticas indígenas, buscado o aprendizado da língua iorubá e a redescoberta dos ritos, histórias e lendas dos Orixás que se perderam ao longo do tempo, contando, inclusive, com viagem de sacerdotes do Brasil até a Nigéria e o Benin para realizar pesquisas *in loco*.

Tabela 02 - Alguns Orixás cultuados nos Candomblés de Nação Ketu, Efã e Ijexá.⁶³		
Orixás	Atributos	OBS
Olorun ou Olodumaré	Deus supremo	
Euá	Orixá das fontes, nascentes e riachos e da harmonia doméstica	Originalmente, na África, era um Vodum e não um Orixá.
Exu	Orixá mensageiro, da transformação e da potência sexual, guardião das encruzilhadas e da entrada das casas	
Iemanjá	Orixá das grandes águas, do mar e do oceano, da maternidade, da família e da saúde mental	
Logun Edé	Orixá dos rios que correm nas florestas	
Nanã	Orixá da lama do fundo das águas, dos pântanos, da educação, da velhice e da morte	Originalmente, na África, era um Vodum e não um Orixá.
Obá	Orixá dos rios, dos trabalhos domésticos e do poder da mulher	
Obaluaiê	Orixá da varíola, pragas, doenças e da cura de doenças físicas	É também chamado de Omulu ou Xapanã. Originalmente, na África, Obaluaiê e Omulu são, respectivamente, as manifestações jovem e velha do Vodum Xapanã.

63 Tabela organizada com base nas informações extraídas de MANUELA, 2007; PRANDI, 2008; SILVA, 2005.

Tabela 02 - Alguns Orixás cultuados nos Candomblés de Nação Ketu, Efã e Ijexá.		
Orixás	Atributos	OBS
Ogum	Orixá da metalurgia, da agricultura, da tecnologia, das estradas e da guerra	
Oiá	Orixá do relâmpago, da sensualidade e dona dos espíritos dos mortos	É também chamada de Iansã.
Orunmilá-Ifá	Orixá do destino	
Ossaim	Orixá da vegetação e da flora, da eficácia dos remédios e da medicina	
Oxaguiã	Orixá da criação da cultura material e da sobrevivência	Considerado a manifestação jovem de Oxalá (ou Obatalá). Originalmente, na África, é filho de Oxalufã e neto de Obatalá.
Oxalufã	Orixá da criação da humanidade, do sopro da vida	Considerado a manifestação idosa de Oxalá (ou Obatalá). Originalmente, na África, é o filho de Obatalá.
Oxóssi	Orixá da fauna, da caça e da fartura de alimentos	É também conhecido como Odé.
Oxum	Orixá da água doce, do amor, da fertilidade, da gestação, dos metais preciosos e da vaidade	
Oxumarê	Orixá do arco-íris e da riqueza que provém das colheitas	
Xangô	Orixá do trovão e da justiça	

Os Candomblés de Nação Jeje-Fon e Jeje-Mahin cultuam uma deusa suprema chamada de *Mawu* e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Voduns. Tais divindades são agrupadas em famílias (*Savaluno, Dambirá, Davice, Hevioso*, etc.), as quais se subdividem em linhagens, interligadas entre si por comportamentos, costumes, gostos e atitudes.

Apesar de existir na África cerca de 450 Voduns, a grande maioria não é cultuada aqui no Brasil. Dos que aqui são cultuados, somente alguns chegam a ter culto a nível nacional, ficando a maioria

restrita a nível regional. Quando estão incorporados, os Voduns mantêm os olhos abertos e conversam com a assistência, dando bênçãos, conselhos e recados.⁶⁴

Os fundamentos dos Candomblés de Nação do modelo de culto sudanês jeje, muitos dos quais incluem ou são baseados nas histórias, lendas e mitos acerca dos Voduns, são passados oralmente pelos sacerdotes da religião.

A iniciação jeje requer um longo período de confinamento, podendo durar de seis meses a um ano, onde são ensinadas as tradições religiosas, as danças, as cantigas, o preparo das comidas sagradas, a cuidar de árvores e espaços sagrados e os votos de segredo e obediência. Em alguns Candomblé de Nação jeje são realizadas provas físicas com os iniciados para testar a veracidade da incorporação, pois acreditam que se o iniciado estiver realmente incorporado nenhum mal ocorrerá a ele durante a prova. Um dos testes que costumam ser utilizados nestas ocasiões consiste em mergulhar a mão no azeite de dendê fervendo.⁶⁵

As celebrações religiosas das nações jeje podem ser divididas em dois grupos: aquelas que são restritas aos iniciados, podendo levar vários dias, e as públicas que podem durar até sete dias. Ao final dos rituais de obrigação, todos são convidados a compartilhar da refeição comunal preparada com as carnes dos animais sacrificados às divindades.⁶⁶

Tabela 03 – Alguns Voduns cultuados no Candomblé de Nação Jeje-Fon e Jeje-Mahin.⁶⁷

Vodum	Atributo	OBS
Mawu	Deusa suprema	
Agassu	Vodum que representa a linhagem real do Reino do Daomé	
Agbê	Vodum dono dos mares	
Agué	Vodum da caça e protetor das florestas	
Aguê	Vodum que representa a terra firme	
Ayizan	Vodum dona da crosta terrestre e dos mercados	

64 MANUELA, 2007.

65 MANUELA, 2007.

66 MANUELA, 2007.

67 Tabela organizada com base nas informações extraídas de MANUELA, 2007; PRANDI, 2008; SILVA, 2005.

Tabela 03 – Alguns Voduns cultuados no Candomblé de Nação Jeje-Fon e Jeje-Mahin.		
Vodum	Atributo	OBS
Aziri	Vodum das águas doces	
Dan	Vodum da riqueza	Representado pela serpente e pelo arco-íris
Eku	Vodum da morte, da feitiçaria e da clarividência	
Fa	Vodum da adivinhação e do destino	
Gu	Vodum dos metais, da guerra, do fogo e da tecnologia.	
Hevioso	Vodum dos raios e relâmpagos	
Legba	Vodum das entradas e das saídas e da sexualidade	O caçula de Mawu e Lissá
Lissá	Vodum masculino co-responsável pela criação junto com Mawu	
Loko	Primogênito dos Voduns	
Nanã Buluku	A grande mãe universal, senhora da lama	Mãe de Mawu e Lissá
Possun	Vodum do pó e da terra seca	Representado pelo tigre
Sakpatá	Vodum da varíola	

Dentre todos os Candomblés de Nação, sejam eles do modelo de culto banto, sudanês nagô ou sudanês jeje, o que apresenta maior projeção nacional é o Candomblé de Nação Ketu. Tal projeção tem provocado, atualmente, um fenômeno de assimilação das práticas rituais dessa nação pelas demais, como o idioma e as cantigas utilizadas, a forma como os atabaques são tocados e o culto as divindades. Sobre este aspecto, é interessante notar o sincretismo que tem surgido atualmente dos Inquices e dos Voduns com as lendas, histórias, domínios, cores e símbolos dos Orixás da nação Ketu, como se aqueles fossem estes com nomes diferentes.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

CANDOMBLÉ DE CABOCLO

Ainda no século XIX, um outro tipo de sincretismo surgiu de dentro das antigas Casas de Candomblé da Bahia, um no qual foram preservadas algumas tradições indígenas, fazendo com que um tipo de egum, o Caboclo, ganhasse expressividade, um ritual a parte para si e acabasse por dar nome a nova religião que nascia: o Candomblé de Caboclo.

O Candomblé de Caboclo é uma religião com forte presença em Salvador e na região do Recôncavo Baiano, embora seja encontrado em praticamente todo o país. Embora muitos não se definam assim, pode-se afirmar que a maioria dos Candomblés existentes hoje na Bahia sejam de Caboclo.⁶⁸ Segundo Reginaldo Prandi,

“O termo candomblé de caboclo teria surgido na Bahia, entre o povo-de-santo ligado ao candomblé de nação queto, originalmente pouco afeito ao culto de caboclo, justamente para marcar sua distinção em relação aos terreiros de caboclos.”⁶⁹

No Candomblé de Caboclo, a exemplo do que ocorre nos Candomblés de Nação do modelo de culto banto, os atabaques são tocados com as mãos e as músicas são cantadas em português, com uso freqüente de termos rituais de origem banto. Muitos adeptos chegam inclusive a considerá-lo como uma variação do Candomblé de Nação Angola.

O Candomblé de Caboclo apresenta um dos panteões mais abrangentes das religiões sincréticas brasileiras. Nele cultua-se um deus supremo chamado de Zambi ou Zambiapongo e a natureza deificada, personificada nos Inquices e em alguns Orixás, convivendo lado a lado as tradições banto e iorubá. Nele existe também a tradição ameríndia de culto às entidades conhecidas como Caboclos, que se tornaram tão importante no ritual quanto as divindades africanas. Mais recentemente alguns barracões assimilaram práticas de uma outra religião sincrética brasileira e passaram a adotar em seus rituais o culto aos erês (espíritos de crianças), aos Exus (a entidade, não o Orixá) e às Pombagiras.

Sobre os Caboclos, em vários barracões eles costumam ser divididos em dois grupos: os Caboclos de Pena, que representariam os espíritos de indígenas e que usam cocares de penas e os Caboclos de Couro ou Boiadeiros, que representariam os mestiços mamelucos brasileiros das regiões rurais e que usam chapéu de couro.

Durante a cerimônia na qual ocorre a manifestação daquelas entidades, muitos filhos e filhas-de-santo incorporados utilizam um cocar de pena, representações de arco e flecha e fumam charuto, no caso de receberem um Caboclo de Pena, ou utilizam um chapéu de couro, uma representação de

68 MANUELA, 2007.

69 PRANDI, 2007.

laço de amarrar bois e fumam cigarros de palha, no caso de receberem um Caboclo de Couro. Em ambos os casos, as entidades bebem vinho e conversam com as pessoas utilizando um português popular meio antigo. Como são tidos como profundos conhecedores da flora local, os Caboclos são considerados curandeiros e/ou feiticeiros poderosos.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS EM ALAGOAS DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

XAMBÁ

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas nagô foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado de Alagoas, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Xambá ou, como dizem alguns, Nação Xambá.

Atualmente o Xambá é praticado em Alagoas, na Paraíba e, principalmente, em Pernambuco, havendo relatos de que tenha se estabelecido neste último por volta da década de 1920.⁷⁰

À semelhança dos Candomblés de Nação do modelo de culto sudanês nagô, o Xambá cultua um deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás, entre os quais podemos citar: Euá, Exu, Iemanjá, Logun Edé, Nanã, Obá, Obaluaiê, Ogum, Oiá, Orixalá, Ossaim, Oxóssi, Oxum, Oxumarê e Xangô.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

70 WWW.XAMBA.COM.BR, 2007.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS EM PERNAMBUCO DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

XANGÔ DO NORDESTE

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas nagô foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado de Pernambuco, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Xangô do Nordeste, Xangô de Pernambuco, Xangô do Recife ou Nação Nagô Egbá.

O principal nome pelo qual é conhecida essa religião, Xangô do Nordeste, é oriundo do próprio nome de uma das suas divindades mais cultuadas, o Orixá Xangô, e ao local onde se originou e onde é mais facilmente encontrada: o nordeste brasileiro. Atualmente o Xangô do Nordeste é praticado em Sergipe, em Alagoas, na Paraíba, e principalmente, em Pernambuco.

À semelhança dos Candomblés de Nação do modelo de culto sudanês nagô, o Xangô do Nordeste cultua um deus supremo chamado de Olorun ou Olodumaré e a natureza deificada, personificada nas divindades chamadas Orixás, entre os quais podemos citar: Euá, Exu, Iemanjá, Logun Edé, Nanã, Obá, Obaluaiê, Ogum, Oíá, Orixalá, Ossaim, Oxóssi, Oxum, Oxumarê e Xangô.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO MARANHÃO DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

TAMBOR DE MINA

No século XIX, a exemplo do que ocorreu na Bahia, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo ameríndio-católico-banto existente na cidade de São Luís do Maranhão, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Tambor de Mina.

O Tambor de Mina é uma religião típica da cidade de São Luís, podendo ser encontrado também no interior do Maranhão e, em menor quantidade, no estado do Pará. Como outras religiões sincréticas, o Tambor de Mina pode ser dividido em dois grandes modelos de culto: o Mina Jeje, com origem na Casa das Minas (a mais antiga casa dessa religião) e o Mina Nagô, com origem na Casa de Nagô. Essas duas casas ficam situadas no bairro de São Pantaleão da capital maranhense e ambas existem desde meados do século XIX.

O modelo seguido na Casa das Minas é o que melhor preserva a tradição jeje de culto aos Voduns e o que mais influencia a religião como um todo, porém aquela casa não possui casas afiliadas. O seu ritual inclui cânticos em língua ewe-fon, os tambores são tocados com as mãos ou com aguidavis e são acompanhados pelo gã (um instrumento musical de ferro) e por cabaças pequenas revestidas de contas coloridas. As únicas divindades cultuadas são os Voduns, que são agrupados em famílias, cada uma com características e rituais próprios. Cada Vodunsi (médium do sexo feminino) só incorpora um único Vodum e estes, quando incorporados, cantam, dançam, permanecem com os olhos abertos, conversam entre si e com devotos, dão conselhos, porém não bebem e não comem.

Tabela 04 – Famílias dos Voduns cultuados na Casa das Minas.⁷¹

Família	OBS	Voduns
Davice	É a família real do antigo reino de Daomé e da qual faz parte o Vodum dono da Casa das Minas	Zomadônu (dono da Casa das Minas), Daddarrô, Docú, Bedigá, Sepazin, Agongônu, Toçá, Tocé, Jogorobossú, entre outros.
Savaluno	Essa família é hóspede da família Davice e agrupa os Voduns cultuados no norte do antigo Daomé	Agongonu e Jotim.
Dambirá	Essa família agrupa os voduns ligados a terra, as doenças e a cura.	Acossi Sakpatá, Azili, Azônce, Polibojí, Lepon, Alôgue, Ewá, Bôça, Boçucó, entre outros.

71 Tabela organizada com base nas informações extraídas de BRESCANCINI, 2008.

Tabela 04 – Famílias dos Voduns cultuados na Casa das Minas.

Família	OBS	Voduns
Quevioçô	Essa família agrupa os voduns de origem nagô	Badé, Sobô, Lôco, Liçá, Averequête, Abê, entre outros.
Aladanu	Essa família é hóspede da família de Quevioçô	Ajaúto e Avrejó.

Embora a tradição Mina Jeje tenha sido a mais bem preservada dentro da religião, foi a tradição Mina Nagô que mais se espalhou pelas casas de Tambor de Mina. Essa tradição foi bastante influenciada por aquela, tanto é assim que as vestimentas e as características gerais da iniciação e do culto Mina Nagô são bem semelhantes à Mina Jeje.

A diferença marcante entre a tradição Mina Jeje e a Mina Nagô é que nesta, além do culto aos Voduns, também são cultuados os Orixás em seus rituais e os cantos são em iorubá. Atualmente, muitas casas do Tambor de Mina Nagô também adotaram o culto aos encantados em seus rituais⁷², ao lado do culto às divindades africanas, após absorverem tradições de uma outra religião sincrética nascida no Maranhão, passando a seguir uma prática religiosa bem diferente daquela da Casa de Nagô.

Um característica marcante no Tambor de Mina é que ela é uma religião matriarcal. A grande maioria dos participantes do culto são do sexo feminino e somente mulheres incorporam os Voduns. Aos homens cabem a função de tocadores de tambor, o sacrifício de animais e o transporte de algumas obrigações.⁷³

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

TAMBOR DE PAJÉ OU CURA

No século XIX, assim como aconteceu em São Luís, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo ameríndio-católico-banto existente na cidade de Cururupu, no litoral norte do Maranhão, dando origem a religião sincrética conhecida como Tambor de Pajé ou Cura.

72 WIKIPEDIA, Tambor de Mina, 2008.

73 WIKIPEDIA, Tambor de Mina, 2008.

A Cura é uma religião típica da cidade maranhense de Cururupu, podendo ser encontrado também, em menor quantidade, na capital e no restante do estado. Diferentemente do Tambor de Mina, a principal matriz sincrética na Cura não é africana: é ameríndia. Nela podem ser identificados elementos comuns com outra religião sincrética, a Pajelança, e seus rituais estão muito ligados a práticas terapêuticas indígenas.

Uma característica típica da Cura e que é muito encontrada nas casas dessa religião situadas na cidade de Cururupu é a utilização de duas tabocas (pedaços de bambu) que são percutidas no solo, acompanhando o som dos tambores, do agogô e da cabaças.⁷⁴

TAMBOR DA MATA OU TERCÊ

No século XIX, assim como aconteceu em São Luís e Cururupu, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo ameríndio-católico-banto existente na cidade de Codó, no interior do Maranhão, dando origem a religião sincrética conhecida como Tambor da Mata ou Tercê.

O Tercê é uma religião típica do povoado de Santo Antônio dos Pretos, localizado na cidade de Codó, podendo ser encontrado também em todo o Maranhão e no estado do Pará. Atualmente o Tercê é a mais praticada das religiões maranhense, tendo exercido muita influência sobre as demais surgidas nesse estado ao longo do século XX. Tamanho foi essa influência, que muitas das práticas do Tercê foram absorvidas pela maioria das casas do Tambor de Mina Nagô de São Luiz.⁷⁵

No Tercê, além do culto aos Voduns e aos Orixás, também são cultuados as entidades conhecidas como encantados, agrupados de acordo com a sua origem:

“(...) os caboclos da mata (como Tabajara e Corre-Beirada); os fidalgos ou nobres portugueses e franceses (como Rei Sebastião e Dom Luís, rei de França); e os turcos ou mouros (como Rei da Turquia).”⁷⁶

Nele são utilizados duas línguas diferentes nos cânticos: iorubá nos cultos aos Voduns e Orixás e português no culto aos encantados.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

74 FERRETI, As religiões afro-brasileiras no Maranhão, 2008.

75 FERRETI, Tambor de mina e Tercê no Maranhão, 2008.

76 SILVA, 2005, p. 85.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO PARÁ DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

BABASSUÊ OU BATUQUE DE SANTA BÁRBARA

Assim como aconteceu no Maranhão, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo ameríndio-católico-banto existente estado do Pará, dando origem a religião sincrética conhecida como Batuque de Santa Bárbara ou Babassuê.

Atualmente o Babassuê é praticado principalmente no Pará e é muito parecido em suas características ao Terecô maranhense, inclusive no aspecto do panteão religioso, onde encontra-se o culto aos Voduns, aos Orixás e aos encantados.⁷⁷ Infelizmente não encontrei material em minha pesquisas que possam indicar se ambos possuem uma origem comum.

O nome pelo qual a religião é mais conhecida atualmente, Babassuê, parece ter se originado da palavra Barba-Suêra, que é uma espécie de derivação feita pela pronúncia popular do nome original da religião, Batuque de Santa Bárbara.⁷⁸

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

77 SILVA, 2005, p. 85.

78 SILVA, 2005, p. 85.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO RIO GRANDE DO SUL DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

BATUQUE

No século XIX, a exemplo do que ocorreu no nordeste, tradições religiosas sudanesas foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado do Rio Grande do Sul, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Batuque.

O Batuque parece ter seu nascimento relacionado com o comércio interno de escravos, que ao longo do século XIX foi responsável por transferir considerável parcela da população escrava do nordeste para o sul do Brasil, sobretudo após a lei de proibição do tráfico transatlântico, levando consigo o sincretismo religioso sudanês-banto-católico-ameríndio para as cidades sul riograndenses. O Batuque é praticado hoje em dia principalmente no Rio Grande do Sul, podendo ser encontrado também na Argentina e no Uruguai, principalmente próximo à região de fronteira.

À semelhança do Candomblé de Nação, o Batuque também é dividido em nações, que como naquele também podem ser reunidas de acordo com a etnia africana e os povos que deram origem aos seus rituais. Assim temos as Nações Ijexá e Oyó de origem sudanesa nagô, a Nação Jeje de origem jeje e a Nação Cabinda de origem banto.

Apesar desta divisão em nações, atualmente a diferença entre elas é bem mais sutil do que no Candomblé de Nação, possivelmente devido a um processo mais antigo de sincretismo interno. Tal fato levou com que o panteão de divindades e alguns rituais da nação Ijexá, nação predominante do Batuque, fossem absorvidos pelas demais, tornando-se praticamente um padrão da religião.⁷⁹ Apesar desse processo, ainda existem diferenças no que tange ao preparo dos alimentos e das oferendas sagradas, que ainda guardam muitas das tradições de cada raiz africana de onde se originaram as nações.

No Batuque cultua-se um deus supremo chamado de Olorun e a natureza deificada, personificada nas divindades conhecidas como Orixás, cujo panteão em praticamente todos os templos é formado por: Bará (conhecido no Candomblé de Nação Ketu como Exu), Ogum, Oiá (ou Iansã), Xangô, Ibeji, Odé, Otim, Obá, Ossaim, Xapanã, Nanã, Oxum, Iemanjá, Oxalá e Orunmilá-Ifá.

A exemplo do Candomblé de Nação do modelo de culto nagô, no Batuque também existe o culto aos eguns, realizado separadamente ao culto dos Orixás, no local conhecido como quarto de balê.

79 WWW.XANGOSOL.COM, 2008.

Os fundamentos do Batuque são passados oralmente pelos sacerdotes da religião, chamados de Babalorixá (masculino) e Iyalorixá (feminino), durante os rituais de iniciação e de elevação hierárquica. Além das tradições religiosas, nestes rituais também são ensinados as danças, as cantigas, o preparo das comidas sagradas, a cuidar de espaços sagrados e os votos de segredo e obediência.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO ESPÍRITO SANTO DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

CABULA

No século XIX, a exemplo do que ocorreu no nordeste, tradições religiosas da etnia sudanesa foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no estado do Espírito Santo, levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Cabula.

Devido a não existência de registros documentais sobre a prática da Cabula em datas recentes, muitos supõem que a mesma tenha se extinguido no século XX por falta de adeptos, que teriam migrado para outras religiões, porém nada é possível afirmar a esse respeito, uma vez que as práticas da Cabula eram e podem continuar sendo secretas.

O culto da Cabula era denominado de Mesa e ocorria em casas ou nas matas, sendo mais frequente nestas últimas. A Mesa era presidida por um chefe de culto denominado de embanda⁸⁰, o qual possuía um ajudante chamado de cambone e os adeptos eram chamados de camanás. Os rituais que reuniam embanda, cambone e camanás eram conhecidos como engira, a qual era secreta e ocorria geralmente a noite.

Sobre a forma como ocorria um engira, Vagner Gonçalves da Silva nos conta que:

“(...) Os cabulistas, vestidos de branco, dirigiam-se a um determinado ponto da mata, faziam uma fogueira e preparavam a mesa (com toalha, velas e pequenas imagens). O embanda entoava um canto preparatório, pedindo licença aos espíritos (Calunga, espírito do mar; Tatá, espíritos benéficos), sendo acompanhado por palmas e por outras cantigas. Durante os ritos, era servido vinho e mastigava-se uma raiz enquanto se sorvia o fumo do incenso, que era queimado num vaso. As iniciações eram feitas nesse momento quando o adepto passava três vezes embaixo da perna do embanda, simbolizando sua obediência ao seu novo pai. Um pó sagrado, enba, era soprado para afastar os espíritos inferiores e preparar o ambiente para a tomada do Santé, que significava a incorporação do espírito protetor. Para se ter um Santé, era preciso que o iniciado passasse por provas – por exemplo, entrar no mato com uma vela apagada e retornar com ela acesa, sem ter levado meios para acendê-la, e trazendo, então, o nome do seu espírito protetor. Alguns desses espíritos eram conhecidos como Tatá Guerreiro, Tatá Flor da Carunga, Tatá Rompe-Serra e Tatá Rompe-Ponte (cf. Nery, 1963).”⁸¹

80 Embanda parece ter origem no vocábulo *m'banda* da língua quimbundo e seria traduzido como sacerdote.

81 SILVA, 2005, p. 85 e 86.

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO RIO DE JANEIRO DURANTE O PERÍODO IMPERIAL

ZUNGU E MACUMBA

No século XIX, a exemplo do que ocorreu no nordeste, tradições religiosas da etnia sudanesa foram sendo aos poucos adicionadas ao sincretismo banto-católico-ameríndio existente no Rio de Janeiro, levando ao surgimento dos sincretismos conhecidos como Zungu e Macumba.

Parece que os termos zungu e macumba foram usados indistintamente no Rio de Janeiro para designar quaisquer manifestações sincréticas de práticas africanas relacionadas a danças e cantos coletivos, acompanhadas por instrumentos de percussão, nas quais ocorria a invocação e incorporação de espíritos e a adivinhação e curas por meio de rituais de magia, englobando uma grande variedade de cerimônias que associavam elementos africanos (Inquices, Orixás, atabaques, transe mediúnico, trajes rituais, banho de ervas, sacrifícios de animais), católicos (cruzes, crucifixos, anjos e santos) e, mais raramente, indígenas (banho de ervas, fumo). A diferença básica entre eles parece ser apenas o período em que estes termos foram utilizados: zungu, em meados do século XIX e macumba, no final do século XIX e início do século XX (substituindo o termo zungu).

À exemplo da Cabula, na Macumba o chefe de culto e o seu ajudante também eram chamados, respectivamente, de embanda e cambone, embora este último também pudesse ser chamado de cambono. Parece que os iniciados na Macumba eram chamados de filhos(as)-de-santo ou médiuns. Não encontrei referências se naquela época os adeptos eram conhecidos como macumbeiros.

Sobre os rituais da Macumba, Vagner Gonçalves da Silva nos conta que:

“Na macumba as entidades como os orixás, inquices, caboclos e os santos católicos eram agrupados por falanges ou linhas como a linha da Costa, de Umbanda, de Quimbanda, de Mina, de Cabinda, do Congo, do Mar, de Caboclo, linha Cruzada, etc. (cf. Ramos, 1940, p.124).”⁸²

Silva nos conta ainda que quanto maior o número de linhas cultuadas pelo embanda, mais poderoso ele era considerado, uma vez que isso era tido como sinal de maior conhecimento sobre o mundo dos espíritos. E assim como em outros sincretismos brasileiros, o Zungu e a Macumba eram organizados basicamente em torno de seu chefe de culto, fazendo de cada unidade de culto algo único, diferindo dos demais por um ou mais elementos ritualísticos.

Devido a grande penetração que a Macumba tinha na população mais pobre e marginalizada do Rio de Janeiro de fins do século XIX, principalmente os afrodescendentes recém libertos pela Lei

82 SILVA, 2005, p. 87.

Áurea, seu nome acabou se popularizando por todo o país e até hoje ainda é usado para designar pejorativamente qualquer religião afro-brasileira ou ritual que envolva magia.

É provável que a Macumba tenham desaparecido do cenário religioso carioca devido ao aparecimento da Umbanda e a sua rápida expansão no estado do Rio de Janeiro, principalmente na então capital federal, que teria atraído para si um expressivo número de adeptos da Macumba e a influenciado de tal forma que levaram muitas casas de Macumba a se transformarem em tendas de Umbanda ou em casas de Omolocô ou em casas de Almas e Angola.

OS SINCRETISMOS SURGIDOS NO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DA REPÚBLICA

OMOLOCÔ

Mudanças na estrutura de algumas casas de Macumba do Rio de Janeiro, então capital do país, no final do século XIX e início do século XX, acaba levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Omolocô.

Atualmente o Omolocô é praticado principalmente no Rio de Janeiro, havendo relatos de que também seja praticado em Minas Gerais, em São Paulo, em Santa Catarina e no Ceará. Essa religião guarda muitas semelhanças com algumas vertentes da Umbanda, inclusive existindo muitas casas que se reconhecem como sendo de Umbanda Omolocô. O ritual conforme é praticado hoje em dia pela grande maioria das casas dessa religião recebeu forte influência das obras daquele que é considerado o seu organizador: Tatá Ti Inkise Tancredo da Silva Pinto.

Segundo Tancredo da Silva Pinto, o Omolocô tem como origem as práticas religiosas bantos das tribos Quiôcos⁸³, das províncias de Lunda Norte e Lunda Sul, situadas na região oriental de Angola e que também pode ser encontrados em parte da República Democrática do Congo e da Zâmbia.⁸⁴

83 Quiôco é a forma como os portugueses se referiam a essas tribos, eles se referem a si mesmos como *Tshokwe*, *Tchokwe* ou *Chokwe*.

84 ITM MINING LIMITED, 2008.



Figura 16 – Mapa de Angola.⁸⁵

O Omolocô cultua um deus supremo chamado *Nzambi* ou *Zambi* (também conhecido como *Nzambi Mpungu* ou *Zambiapongo*), a natureza deificada personificada nos Orixás e nas entidades conhecidas como Orixás Menores, Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus e Pombagiras.

Originalmente o termo utilizado no Omolocô para designar a natureza deificada era Bacuro. Os Bacuros possuíam um correspondente nas divindades dos Quiôcos, que parece terem ficado conhecidas aqui no Brasil como Lunda. Atualmente o termo Bacuro e o nome das divindades foram substituídos, respectivamente, pelo termo Orixás e pelo nome da divindade do panteão nagô que possui os mesmos atributos. É importante ressaltar que, no Omolocô, o termo Orixás é utilizado também para designar alguns Inquices que foram incorporados ao seu panteão, provavelmente por influência dos Candomblés de Nação do modelo de culto banto.

Tabela 05 – Quadro de correspondência entre Lunda, Bacuros e Orixás no Omolocô.⁸⁶

Lunda (divindades dos Quiôcos)	Bacuro (nome original no Omolocô)	Orixá (nome atual no Omolocô)
Dundu Kianguim	Aluvaia	Exu
	Angorô	Oxumarê

⁸⁵ Figura disponível em http://www.c-r.org/our-work/accord/angola/images/newmappt_lg.gif

⁸⁶ Tabela organizada com base nas informações extraídas de OXALÁ, Correspondência dos Orixás, 2008.

Tabela 05 – Quadro de correspondência entre Lunda, Bacuros e Orixás no Omolocô.

Lunda (divindades dos Quiôcos)	Bacuro (nome original no Omolocô)	Orixá (nome atual no Omolocô)
Dandu Kindelé	Burunguça	Omulu
	Caculu ou Cabasa	Ibeiji
	Cuiganga	Euá
Anili Kindelé	Dandalunda	Iemanjá
Kindele	Ferimã	Oxalá
Uisu Kukusuka	Inhapopô	Iansã
Kianguim Kindelé	Jambangurim	Xangô
Mulombe	Kamba Lassinda	Oxum
Kianguim Uisu	Kangira	Ogum
	Karamocê	Obá
	Katendê	Ossaim
Uisi	Madé	Oxóssi
Diambanganga	Pagauô	Irôko
Numba Kindelé	Querequerê	Nanã
	Teleku-Mpensu	Logun Edé
	Kitembu	Tempo

Uma possível influência da Umbanda sobre o Omolocô é a existência de uma separação dos Orixás em duas classes: Orixás Maiores e Orixás Menores. Os Orixás Maiores, ou apenas Orixás, são entendidos como sendo uma energia emanada de Zambi e portanto nunca passaram pelo processo de encarnação. São os responsáveis pelo movimento da natureza e pela formação e manutenção da vida. São considerados onipresentes e únicos. Os Orixás Menores, por sua vez, são entendidos como espíritos que passaram pelo processo de reencarnação e que alcançaram uma grande elevação espiritual e que por isso foram dotados de poderes sobrenaturais pelos Orixás Maiores, sendo considerados os intermediários entre estes últimos e os demais espíritos. Por este motivo, eles utilizam o nome do Orixá Maior ao qual estão subordinados seguidos de um sobrenome, chamado de Dijina. Como exemplo de Orixás Menores podemos citar: Ogum Beira-Mar, Iemanjá Obáomi e Xangô

Kaô.⁸⁷

No Omolocô não existe incorporação de Orixás Maiores, apenas dos Orixás Menores e dos espíritos chamados de eguns. Os eguns são entendidos como espíritos que já possuem certa compreensão espiritual, porém ainda não alcançaram a elevação dos Orixás Menores. São considerados eguns os Caboclos, os Pretos-Velhos, as Crianças, os Exus e as Pombagiras. Existe ainda uma terceira classe de espíritos, chamados de quiumbas ou kiumbas, que são entendidos como espíritos atrasados e que ainda não alcançaram uma compreensão das coisas espirituais.⁸⁸

Em praticamente todas as casas de Omolocô podem ser encontradas estruturas arquitetônicas que desempenham um papel importante no ritual. Entre essas estruturas destacam-se: a Cangira, associada aos Exus e Pombagiras, do lado de fora do terreiro; uma Casa das Almas, geralmente ao lado da Cangira e associada aos Pretos-Velhos; uma cozinha; um salão onde encontra-se o altar, onde são colocadas imagens de santos, Caboclos e Pretos-Velhos e que é separado da área da assistência por um muro ou cerca de madeira; e três atabaques.⁸⁹

De todas as religiões sincréticas surgidas no Brasil, o Omolocô parece ser aquela que mais importância dá a linhagem sacerdotal. Tamanha é a importância que uma casa só é considerada como sendo de Omolocô se a sua descendência no ritual puder ser atestada. O sacerdote mais antigo dessa religião que se tem registro é Tio Êrepê, que a tradição registra como tendo emigrado de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro, acompanhado de Tio Bacayodé, João da Mina e Oscarina Sani Adió (que a tradição registra como sendo originária da Casa das Minas). Foi no Rio de Janeiro que Tio Êrepê foi iniciado no Omolocô. De Tio Bacayodé, sacerdote feito por Tio Êrepê, descende diretamente Açumano São Adió (Tio Sani), de quem, por sua vez, descende diretamente Tia Benedita de Yadoxé. De Benedita de Yadoxé é que descende diretamente o Tatá ti Inkise Tancredo da Silva Pinto, a partir do qual parece descender, direta ou indiretamente, os demais sacerdotes do Omolocô na atualidade.⁹⁰

O Omolocô parece ser a única religião sincrética do Brasil que possui uma bandeira. Ela é na cor verde garrafa, com uma banda⁹¹ branca, possuindo uma pena branca no centro. Ela foi trazida da África pelo Tatá Camelo e era um presente do africano Tatá Zambura da Guiné para o Tatá Ti Inkise Tancredo da Silva Pinto. Atualmente ela encontra-se em exposição na Tenda Espírita Três Reis de Umbanda, situada na Rua Basílio de Brito 43, Cachambi, Rio de Janeiro, RJ.⁹²

Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem

87 SILVA, 2008.

88 SILVA, 2008.

89 SILVA, 2008.

90 OMULU, 2002 e OXALÁ, Linhagem do culto Omolocô, 2008.

91 Linha diagonal que parte do canto superior esquerdo para o canto inferior direito, no sentido de quem olha

92 SILVA, 2008.

pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

ALMAS E ANGOLA

Mudanças na estrutura de algumas casas de Macumba do Rio de Janeiro, então capital do país, no final do século XIX e início do século XX, acaba levando ao surgimento da religião sincrética conhecida como Almas e Angola.

Apesar de ser originário da capital fluminense, atualmente o Almas e Angola não é mais praticado nesse estado. Hoje em dia ele pode ser encontrado quase que exclusivamente na região da Grande Florianópolis, em Santa Catarina, para onde foi levado em 1951, por Guilhermina Barcelos. Apesar de chegar na capital catarinense naquele ano, o número de casas de Almas e Angola é relativamente pequeno até a década de 1980, quando a religião começa a se expandir mais expressivamente. Atualmente, parece existir cerca de 50 casas de Almas e Angola na Grande Florianópolis, sendo a grande maioria descendente da Tenda Espírita Jesus de Nazaré, de Edvaldo Linhares, localizada no bairro Bela Vista, na cidade de São José.⁹³

O Almas e Angola guarda muita semelhança com o Omolocô e com algumas vertentes da Umbanda, inclusive existindo muitas casas que se reconhecem como sendo de Umbanda em Almas e Angola. O ritual conforme é praticado em dia pela grande maioria das casas dessa religião recebeu forte influência de práticas e adaptações criadas por Edvaldo Linhares.⁹⁴

O Almas e Angola cultua um deus supremo chamado Zambi (em alguns lugares é chamado de Olorum), a natureza deificada personificada nos Orixás (chamados Orixás Maiores) e as entidades conhecidas como Orixás Menores, Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exus e Pombagiras. O Orixá Obaluaiê é considerado a força do ritual do Almas e Angola, tendo destaque nos altares dessa religião.

Uma possível influência da Umbanda sobre o Almas e Angola, e seu ponto em comum com o Omolocô, é a existência de uma separação dos Orixás em duas classes: Orixás Maiores e Orixás Menores. Como no Omolocô, os Orixás Maiores, ou apenas Orixás, são entendidos como sendo uma energia emanada de Zambi e portanto nunca passaram pelo processo de encarnação. São os responsáveis pelo movimento da natureza e pela formação e manutenção da vida. São considerados onipresentes e únicos. No Almas e Angola, os Orixás Maiores são: Oxalá, Ogum, Xangô, Oxóssi, Obaluaiê, Iemanjá, Oxum, Iansã e Nanã. Os Orixás Menores, por sua vez, são entendidos como espíritos que alcançaram uma grande elevação espiritual e que por isso foram dotados de poderes sobrenaturais pelos Orixás Maiores, sendo considerados os intermediários entre estes últimos e os de-

93 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

94 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

mais espíritos. Por este motivo, eles utilizam o nome do Orixá Maior ao qual estão subordinados seguidos de um sobrenome, chamado de Dijina. Assim como no Omolocô, Ogum Beira-Mar, Iemanjá Obáomi e Xangô Kaô são exemplos de Orixás Menores.⁹⁵

Como no Omolocô, no ritual Almas e Angola não existe incorporação de Orixás Maiores, apenas dos Orixás Menores e dos espíritos chamados de eguns, que também são entendidos como espíritos que já possuem certa compreensão espiritual, porém ainda não alcançaram a elevação dos Orixás Menores. São considerados eguns os Caboclos, os Pretos-Velhos, as Crianças, os Exus e as Pombagiras. Existe ainda uma terceira classe de espíritos, chamados de quiumbas ou kiumbas, que são entendidos como espíritos atrasados e que ainda não alcançaram uma compreensão das coisas espirituais.⁹⁶

Como herança da forma como o Almas e Angola era praticado no Rio de Janeiro, provavelmente uma outra influência da Umbanda sobre esta religião, as entidades são agrupadas dentro de um esquema de sete linhas.

Tabela 06 – As Sete Linhas de Almas e Angola.⁹⁷	
Linha	Observação
Linha de Oxalá	
Linha de Xangô	
Linha de Ogum	
Linha de Oxóssi	
Linha do Povo d'Água	Inclui os Orixás Iemanjá, Oxum, Iansã e Nanã
Linha das Beijadas	
Linha das Almas	Chefiada por Obaluaiê

Em praticamente todas as casas de Almas e Angola podem ser encontradas estruturas arquitetônicas que desempenham um papel importante no ritual. Entre essas estruturas destacam-se: a Cangira, associada aos Exus e Pombagiras, do lado de fora do terreiro; uma Casa das Almas, geralmente ao lado da Cangira e associada aos Pretos-Velhos e ao Orixá Obaluaiê; uma cozinha; um salão onde encontra-se o altar; e três atabaques, também chamados de Tumbadeiras.⁹⁸

O ingresso de uma pessoa como membro de uma casa de Almas e Angola começa pela cerimô-

95 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

96 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

97 Tabela organizada com base nas informações extraídas de TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

98 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

nia chamada de sacudimento, onde é realizada a limpeza espiritual do mesmo, logo seguido pelo Ritual do Amaci. Após algum tempo é realizado o batismo e tempos depois o obori (ou obrigação de anjo da guarda). Após um período de sete anos desta obrigação é realizada a obrigação de Pai ou Mãe Pequena e sete anos após esta é realizada a obrigação de Babalaô (sacerdote homem) ou Babá (sacerdote mulher). Em Santa Catarina existem ainda as obrigações de reforço de Sete, Quatorze e Vinte e Um anos, realizadas, respectivamente, sete, quatorze e vinte e um anos após a obrigação de Babalaô ou Babá. Após passar por esta última obrigação, o sacerdote recebe o título de Tatá no Santo.⁹⁹

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico.

99 TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE, 2008.

VOCABULÁRIO

Abaixo está um pequeno vocabulário com algumas das palavras e expressões utilizadas em alguns sincretismo surgidos no Brasil. Os parênteses colocados após algumas palavras indicam a origem das mesmas.

A

A (iorubá) – Nós.

Aba (iorubá) – Velho.

Abadá - Túnica larga e de mangas compridas.

Abassá (iorubá) - Terreiro, barracão.

Abassê - Cozinheira que prepara as comidas de santo na tradição jeje.

Abé (iorubá) – Navalha.

Abi (iorubá) – Nascer.

Abiã – Pessoa que frequenta o Candomblé, mas ainda não passou pelos rituais de iniciação, sendo portanto o posto mais baixo da hierarquia do terreiro.

Aborixá (iorubá) - Adorador de orixá.

Abrir a gira - Início ou abertura dos trabalhos no terreiro de Umbanda.

Abrir os caminhos – Ritual da Umbanda que consiste em trabalhos de magia voltados para amenizar os problemas da vida do consulente, desde que seja do merecimento desta pessoa e que não prejudique ninguém.

Adagã – Cargo do Candomblé que tem o mesmo significado que cambono de despacho na Umbanda.

Adejá – Aportuguesamento da palavra iorubá adjá.

Adjá (iorubá) - Pequeno sino de metal, com até três campânulas, que é sacudido com uma das mãos.

Afofi (iorubá) - Flatular, eliminar gases.

Agibonã – O mesmo que jibonã ou mãe criadeira.

Agô (iorubá) – Licença.

Agogô (iorubá) - Espécie de sino de metal, com até três campânulas, que é percutido com uma vara de metal.

Agutã (iorubá) - Carneiro sem chifre.

Ajá (iorubá) – Cachorro.

Ajapá (iorubá) – Tartaruga.

Ajé (iorubá) – Feiticeira.

Ajeum (iorubá) – Comida.

Akará (iorubá) - Acarajé (no Brasil).

Akikó (iorubá) – Galo.

Akukó (iorubá) – O mesmo que akikó.

Alá (iorubá) – Cobertura. Em algumas religiões sincréticas afro-brasileiras é o nome do dossel branco que acoberta os filhos e filhas-de-santo durante a saída-de-iaô, os noivos no rito de casamento ou dignatários de outros terreiros.

Alabá (iorubá) – Idoso.

Alguidar – Vasilha de barro em forma de cone ou bacia.

Aluá – Bebida feita de milho.

Alubaça (iorubá) – Cebola.

Alume (banto) – Homem.

Amaci – Líquido obtido a partir do sumo de ervas verdes maceradas em água.

Amalá - Comida de santo.

Amuleto - Objeto com finalidade protetora que se utilizada geralmente pendurado em um cordão em volta do pescoço ou dentro de um patuá, ao qual se atribui poderes mágicos, dentre os quais os de afastar maus pensamentos e maus fluídos e aproximar os bons pensamentos e bons fluidos. Alguns também são utilizados para atrair riqueza, atrai amor, prevenir doenças, ajudar no processo de cura. Como exemplo de objetos utilizados como amuletos temos: medalhas de santos, figa de arruda, figa de guiné, crucifixos e cruzeiros, figuras geométricas, inscrição, pedras e cristais.

Anduro (banto) – Fogo.

Anganga (banto) – Senhor, senhora.

Anganga N'Zambi (banto) – Senhor Deus.

Aparelho – Na Umbanda é sinônimo de médium.

Aquenje (banto) – Menino.

Arengá (banto) – Tarefa.

Arirê (banto) – Canto.

Arquétipo – A forma substancial, a essência das coisas tal como elas se manifestam em nossa mente.

Arriar obrigações – Deixar frutos, flores, ervas, bebidas, velas e presentes para os Orixás e entidades em determinados locais na natureza. O mesmo que arriar oferendas.

Arriar oferendas – O mesmo que arriar obrigações.

Aruanda (banto) – Céu. Na Umbanda designa o plano espiritual onde se reúnem as entidades que trabalham, incorporadas ou não, nos terreiros.

Assentamento - Conjunto de objetos (louças, ferro, búzios, pedra, etc.) e emblemas (pontos riscados) que representam o Orixá. Cerimônia realizada com o objetivo de firmar o poder do Orixá sobre determinado local para a sua proteção.

Atá (iorubá) – Pimenta.

Atabaque – Instrumento de percussão usado nas cerimônias para acompanhar os cânticos aos Orixás, semelhante a um tambor alto e estreito.

Ataré (iorubá) – Pimenta-da-costa.

Axé (iorubá) - Força espiritual.

Axexê – Cerimônia fúnebre do Candomblé.

Axô (iorubá) – Roupas.

Ayê (iorubá) – Mundo, terra.

Azê - Capuz de palha de Obaluaiê.

Azeite de dendê - Óleo extraído do dendezeiro.

B

Babá (iorubá) – Pai. Contração de babalorixá.

Babá kekerê (iorubá) – O mesmo que pai-pequeno.

Babalaô (iorubá) - Sacerdote de Ifá; pessoa que joga búzios.

Babalorixá (iorubá) – O mesmo que pai-de-santo ou zelador de santo.

Bacuro – O mesmo que elemental.

Bacuro de Pemba – O mesmo que filho-de-santo.

Badurá (iorubá) – Rezar.

Baixar - Ato no qual as entidades incorporam nos médiuns, numa alusão de que elas viriam do céu para a terra.

Balangandã – Amuletos, podendo designar também enfeites e ornamentos.

Balê – No Candomblé designa a casa dos eguns.

Bamba (banto) – Valente.

Bambazuó (banto) – Provocação.

Banda – Lugar, morada.

Bango – Dinheiro.

Banho de ervas – Banho ritualístico com finalidade de limpeza energética e/ou energização da aura das pessoas, no qual se utiliza o amaci.

Barracão – Local onde ocorre os rituais do Candomblé.

Barundo (banto) – Senhor.

Bater cabeça - Ritual que consiste em abaixar-se aos pés do Gongá ou de uma entidade e tocar sua cabeça ao chão, em sinal de respeito e humildade.

Bater para o santo - Ato de percutir os atabaques no ritmo do ponto cantado.

Batismo dos atabaques – Cerimônia que confere qualificação religiosa aos atabaques, fazendo com que os mesmos deixem de ser meros instrumentos musicais.

Batismo na Umbanda – Sacramento utilizado em algumas vertentes da Umbanda para estabelecer o ingresso de uma determinada pessoa no corpo de filhos ou filhas-de-santo do terreiro.

Batuque – Dança, festa. Pode designar também uma religião sincrética brasileira originária do Rio Grande do Sul.

Bi (iorubá) – Nascer.

Bombogira – Sinônimo de Pombagira.

Bori – Ritos do Candomblé utilizados para o fortalecimento espiritual de uma pessoa.

Breve – O mesmo que patuá.

Burro – Palavra utilizada na Umbanda como sinônimo para médium.

Búzio – Um tipo de concha, também chamado de cauri, utilizado no passado como moeda na África.

C

Cabaça - Vaso feito do fruto maduro do cabaceiro depois de esvaziado o miolo, utilizado também como moringa de água.

Cabana – O mesmo que centro, tenda.

Cacimba (banto) – Poço.

Cacurucai ou **cacurucaia** (banto) – Velho, velha.

Cafungê (banto) – Garoto sem vergonha.

Calundu (banto) – Tristeza. Designa também uma manifestação sincrética do Brasil colonial.

Calunga (banto) – Mar. Na Umbanda é utilizada como redução da expressão calunga pequena.

Calunga grande – Expressão utilizada na Umbanda para designar mar, oceano.

Calunga pequena – Expressão utilizada na Umbanda para designar cemitério.

Cambambe (banto) – Cabrito.

Cambono – Um dos cargos dos terreiros de Umbanda, o qual pode ser ocupado por homens e mulheres e cuja função é auxiliar as entidades incorporadas nos médiuns.

Cambono de despacho – Um dos cargos dos terreiros de Umbanda, diretamente subordinado ao pai ou mãe-de-santo, responsável por todas as entregas do terreiro a serem feitas às entidades, podendo ser ocupado por homens e mulheres.

Camuquengue (banto) – Menino.

Camutuê (banto) – Cabeça.

Candaburo (banto) – Galo.

Candongá (banto) – Briga, intriga.

Canguro (banto) – Porco.

Canjerê (banto) – Festa.

Canjira (banto) – Dança.

Canzuá – Casa.

Capungo (banto) – Malvado.

Cariapemba (banto) – Diabo.

Carma – Lei segundo a qual cada uma de nossas ações provoca uma reação, que pode se manifestar tanto nesta vida como em outra encarnação, sejam elas boas ou más.

Casa das almas – Pequena construção de tijolo dedicada aos Pretos e Pretas-Velhas.

Casa de Exu – Pequena construção de tijolo dedicada aos Exus e Pombagiras, onde se colocam os assentamentos dos mesmos.

Catita (banto) – Pequeno.

Cauri – O mesmo que búzio.

Cavalo – Palavra utilizada na Umbanda como sinônimo para médium.

Caxicovera (banto) – Doença.

Centro – O mesmo que cabana, tenda.

Chefe de cabeça – O mesmo que chefe de coroa.

Chefe de coroa – Entidade principal de um médium, responsável pela sua orientação moral e por comandar as demais entidades daquele médium. Geralmente é ligado ao Orixá de coroa do indivíduo.

Chefe de falange - Entidade espiritual muito evoluída, que serve como chefe e orientador de um conjunto de espíritos evoluídos pertencentes a uma mesma falange.

Chefe de terreiro – Entidade responsável pela direção espiritual do terreiro.

Choque de retorno - Ação de retorno das más vibrações originadas em um trabalho de magia voltada para o mal, atingindo quem o fez e quem o encomendou.

Coisa dos santos – Tudo o que se relaciona aos Orixás, entidades e seus poderes atuantes.

Coisa feita - Trabalho de magia voltada para o mal feito contra alguém. Feitiço.

Coité – Espécie de cuia feita geralmente da metade de um coco seco.

Compadre – Sinônimo de Exu.

Congá – O mesmo que Gongá.

Congembo (banto) – Morte.

Consulta – Conversa entre uma pessoa e uma entidade ou entre uma pessoa e o pai ou mãe-de-santo, com o objetivo de buscar orientação moral ou orientação e ajuda sobre um determinado assunto material.

Coroa bonita – Pessoa bem assistida espiritualmente, como mérito pelos seus esforços em evoluir espiritualmente.

Corpo fechado – Situação em que nenhum espírito pode fazer o mal a determinada pessoa.

Corredor – carro.

Curiacuca (banto) – Cozinheiro.

Curiado - Comida dos Orixás ou das entidades.

Curiandamba (banto) – Velho.

Curima (banto) – Serviço, trabalho.

Curimba (banto) – Canto. Na Umbanda designa o cântico utilizado como prece ou invocação das entidades, podendo ser utilizado também na abertura e fechamento da gira, nos descarregos e na defumação do ambiente e das pessoas. O mesmo que ponto cantado.

D

Dagã – O mesmo que adagã ou sidagã.

Dar comida ao santo – Oferendas que se fazem aos Orixás ou entidades como parte de um ritual ou como agradecimento por uma graça alcançada.

Dar passagem - Ato no qual a entidade desincorpora do médium para que outra entidade nele se

incorpore.

Darma – Acúmulo de todas as experiências vividas pelo espírito ao longo de suas encarnações.

Deburu (iorubá) – Pipoca.

Decá - Ritual realizado, em algumas vertentes da Umbanda, na obrigação de 7 anos de iniciação de um filho ou filha-de-santo e que lhe confere permissão para abrir o seu próprio terreiro e tornar-se pai-de-santo (se do sexo masculino) ou mãe-de-santo (se do sexo feminino).

Decisa (iorubá) – Esteira.

Defumação – Ritual de purificação do ambiente e da aura das pessoas, feito com base na fumaça produzida pela queima de certas ervas específicas.

Demanda – Desentendimento, desavença, briga. Trabalho feito para prejudicar uma pessoa.

Descarregar – O mesmo que descarrego.

Descarrego - Limpeza energética, purificação. Ato de afastar vibrações negativas ou maléficas do corpo de alguém ou de um ambiente.

Descarrego de pipoca – Descarrego de Obaluaiê, no qual é utilizada pipoca obtida através do grão de milho arrebetado na areia quente.

Desencarnar - Morrer.

Desenvolvimento - Aprendizado dos médiuns para melhora de sua capacidade mediúnica, de forma a facilitar a incorporação e o trabalho das entidades.

Desmanchar trabalhos – Ato de anular trabalhos de magia voltada para o mal.

Despacho – Ritual que consiste na entrega das oferendas aos Orixás ou entidades nos locais de domínio de cada um, sendo um dos mais conhecidos a entrega de oferendas feita aos Exus e Pombagiras nas encruzilhadas para obter sua ajuda e proteção.

Deus – o Ser Supremo, absoluto e infinito, que está acima de todas as coisas e criaturas.

Dharma – O mesmo que darma.

Dibangulango (Candomblés Bantos) - Guisado de quiabo preparado para o Inquice Nzazi.

Dihonjo (Candomblés Bantos) – Banana.

Dijina – Nome religioso, iniciático, dado por um pai ou mãe-de-santo ao sagrar um filho ou filha-de-santo chefe de terreiro.

Dikende (Candomblés Bantos) - Massa de feijão fradinho embrulhada na folha de bananeira.

Dudu (iorubá) - Preto, escuro.

Dumba – Esposa, mulher, companheira.

E

Ebâmi (iorubá) – Médiun feminino com mais de 7 anos de iniciação.

Ebó – Ritual do Candomblé que consiste na oferenda alimentar ou sacrifício de animal feito em homenagem às divindades para obter sua ajuda e proteção na solução de problemas.

Ebomi – Aportuguesamento da palavra iorubá ebâmi.

Edé (iorubá) – Camarão.

Edi (iorubá) - Nádega, ânus.

Edu (iorubá) – Carvão.

Efum (iorubá) - Espécie de giz branco usado em rituais próprios.

Egum (iorubá) - Espírito desencarnado, espírito dos ancestrais.

Ejá (iorubá) – Peixe.

Ejé (iorubá) – Sangue.

Ekê (iorubá) - Mentira, farsa.

Ekede – Cargo do Candomblé reservado às mulheres que não entram em transe mediúnico, cuja função é auxiliar as entidades incorporadas nos médiuns.

Eledá - Anjo da guarda.

Elemental – Espírito da natureza que jamais teve corpo físico.

Emi (iorubá) - Hálito, respiração, vida.

Emu (iorubá) - Vinho de palma.

Encantados – Espíritos da natureza ou indivíduos que teriam se encantado, ou seja, que teriam passado a existir em outro plano sem nunca terem morrido.

Encantamento – Feitiço, mandinga.

Encosto – Perturbações de ordem física e emocional causadas por quiumbas.

Encruza – Ritual realizado pelo dirigente de culto ou pelo chefe de terreiro, que consiste em traçar cruces com pomba nas pessoas a fim de protegê-las de qualquer mal. Pode ser também a contração de encruzilhada.

Encruzilhada - Local de domínio dos Exus e Pombagiras, formado pela interseção de dois ou mais caminhos (ruas, vias férreas, etc.).

Eni (iorubá) – Esteira.

Entidades – Espíritos que trabalham na Umbanda utilizando uma forma perispiritual tipificada, tais como: Caboclos e Caboclas, Pretos-Velhos e Pretas-Velhas, Crianças, Oguns, Exus, Pombagiras, etc.

Enu (iorubá) – Boca.

Enviado de Orixá – Espírito extremamente evoluído, que quando incorpora transmite muita energia positiva e sentimentos de harmonia, paz e bem-estar.

Epô (iorubá) - Óleo, azeite.

Eran (iorubá) – Carne.

Erê – Criança.

Eró - Segredos e ensinamentos revelados aos médiuns durante seu desenvolvimento no terreiro.

Erô (iorubá) - Calmante, que traz calma.

Espírita – Originalmente era o espiritualista que também acreditava nas manifestações dos espíritos. Atualmente designa apenas os seguidores do espiritismo.

Espiritismo – Originalmente era a doutrina espiritualista que acreditava nas manifestações dos espíritos. Atualmente designa apenas a religião codificada por Alan Kardec na França do século XIX. Essa religião também é conhecida como Kardecismo no Brasil.

Espírito – A essência verdadeira, imortal e inteligente do ser.

Espírito de direita – O mesmo que espírito de luz.

Espírito de esquerda - O mesmo que espírito imperfeito.

Espírito de luz - Espírito que atingiu certo nível de evolução, estando apto a dar orientações morais e possuindo pouco ou nenhum apego à matéria.

Espírito iluminado – o mesmo que espírito de luz.

Espírito imperfeito - Espírito pouco evoluído, muito apegado à matéria.

Espírito obsessor - O mesmo que quiumba, obsessor, rabo de encruza.

Espiritualismo – Crença baseada na existência de espíritos.

Espiritualista – O que se refere ao espiritualismo.

Etu (iorubá) - Galinha d'Angola.

Ewe ou **Ewê** (iorubá) - Folhas, ervas.

Eyelé (iorubá) – Pombo.

F

Falange – Subdivisão das linhas espirituais na Umbanda.

Falangeiro – O mesmo que Enviado de Orixá.

Fazer o santo – Iniciação no Candomblé que consiste na realização de diversos rituais privados, tais como a raspagem do cabelo e a sacralização dos assentamentos através do sacrifício de animais.

Fechar a gira - Encerramento dos trabalhos no terreiro de Umbanda.

Feitiço - Irradiação de forças maléficas contra alguém, seja por meio de rituais de magia ou pela força do pensamento. Encantamento, mandinga.

Filha-de-santo – Pessoa do sexo feminino iniciada na religião.

Filho de fé - Denominação para adeptos da Umbanda.

Filho-de-santo – Pessoa do sexo masculino iniciado na religião.

Firmar – Concentrar energia mental.

Firmar o anjo-da-guarda - Fortalecer o anjo-da-guarda do médium por meio de rituais especiais e oferendas de comidas votivas.

Firmar o ponto - Concentração coletiva sobre determinado ponto cantado.

Firmeza - O mesmo que segurança. Conjunto de objetos com axé que protegem o terreiro e constituem sua base espiritual.

Fluídos - Emanações energéticas espirituais que podem ser manejadas para o bem ou para o mal.

Fumpa (Candomblés Bantos) - Milho vermelho, cozido ou torrado, enfeitado com kamusoso.

Fundamento – Base doutrinária sobre a qual se apóia a religião.

Fundanga - Pólvora.

Funfun (iorubá) – Branco.

G

Gafioto – Menino, criança.

Gira – Aportuguesamento da palavra banto ongira. Na Umbanda designa a cerimônia na qual ocorre a incorporação de determinadas entidades, de forma que as mesmas possam realizar o desenvolvimento dos médiuns (gira de desenvolvimento) ou os seus trabalhos de caridade, através da consulta e dos passes (giras públicas).

Girar – Rodar, dançar. Ir embora.

Gongá – Altar onde são colocados as imagens dos santos católicos ou dos Orixás africanos.

Guia – Entidade espiritual da Umbanda. Designa também o colar ritualístico que representa determinada entidade, feito a partir de contas de miçangas, cristal ou porcelana.

Gungunar (banto) – Resmungar.

Gururu (iorubá) – O mesmo que deburu.

H

Hora grande – Meia-noite.

Homem das encruzilhadas - Exu.

I

Iabá – Contração de Iabassé.

Iabassé – Mulher responsável pela cozinha do terreiro e pela confecção de toda e qualquer comida necessária nos trabalhos, incluindo a comida dos Orixás.

Iakekerê - Aportuguesamento da palavra iorubá iyá kekerê.

Ialorixá – Aportuguesamento da palavra iorubá *iyalorixá*.

Iaô – Aportuguesamento da palavra iorubá *iyawô*.

Ibá (iorubá) - Conjunto de tigelas de louça, barro ou outro material onde o Orixá no Candomblé é assentado.

Ibi (iorubá) - Caracol que é oferecido a Oxalá.

Idi (iorubá) - O mesmo que *edi*.

Ijexá (iorubá) - Toque típico da Oxum. Uma das nações do Candomblé de Nação Nagô.

Ijô (iorubá) – Dança.

Iku (iorubá) – Morte.

Ilê (iorubá) - Casa, terreiro, barracão.

Ilu (iorubá) - Tipo de toque. Tambor.

Inã (iorubá) – Fogo.

Incorporação - Transe, possessão mediúnica.

Incorporar – Ato de entrar em transe mediúnico.

Injara (banto) – Fome.

Ipadê (iorubá) - Reunião, cerimônia pública. Farofa oferecida a Exu.

Irum (iorubá) - Cabelo, pêlo.

Itacó (banto) – Assento.

Itan (iorubá) - Lendas, histórias.

Iyá (iorubá) – Mulher, mãe.

Iyá kekerê (iorubá) – O mesmo que mãe-pequena.

Iyalodê (iorubá) - Mulher importante.

Iyalorixá (iorubá) – O mesmo que mãe-de-santo, zeladora de santo.

Iyawô (iorubá) – Esposa. Pessoa que está se iniciando. Em algumas religiões sincréticas brasileiras designa o filho ou filha-de-santo do momento que é iniciado até a realização da obrigação de sete anos de iniciação.

Iyayá (iorubá) – Avó.

Iyê (iorubá) – Mãe.

Iyó (iorubá) – Sal.

J

Jacutá – Lançador de pedras.

Jamba (banto) – Ouro.

Janaína – Um dos nomes de Iemanjá.

Jeum (iorubá) – Comer.

Jibonã – O mesmo que agibonã ou mãe criadeira.

Jo (iorubá) – Dançar.

Jogo de búzios – Processo divinatório de origem africana no qual são utilizadas pequenas conchas denominadas búzios ou cauris para realizar previsões sobre o futuro. Na África o jogo só pode ser realizado por babalaôs.

Jurema – Local em Aruanda onde residiriam os Caboclos e Caboclas. É também o nome de uma Cabocla.

K

Kamusoso (Candomblés Bantos) – Cipó-chumbo.

Kangika (Candomblés Bantos) - Milho branco cozido com coco.

Kaô - Saudação à Xangô.

Kardecismo - O mesmo que Espiritismo.

Kardecista – O mesmo que espírita.

Karma – O mesmo que carma.

Kavula (Candomblés Bantos) – Couve.

Kekerê (iorubá) – Pequeno.

Kidobo (Candomblés Bantos) - Milho branco cozido temperado com dendê.

Kikua (Candomblés Bantos) – Batata.

Kimbambule (Candomblés Bantos) – Goiaba.

Kindumba (Candomblés Bantos) – Salsa.

Kingombo (Candomblés Bantos) – Quiabo.

Kitaba (Candomblés Bantos) - Amendoim torrado e moído, temperado com mel ou dendê.

Kitande (Candomblés Bantos) - Guisado de feijão fradinho.

Kiumba – O mesmo que quiumba.

Kivúdia (Candomblés Bantos) - Guisado de quiabo preparado para o Inquice Nvunji.

Ko (iorubá) – Não.

Korin (iorubá) - Cântico, cantiga.

Kôssi (iorubá) – Nada.

Ku (iorubá) – Morrer.

Kupiri (Candomblés Bantos) - Pimenta da costa.

Kusuangala (Candomblés Bantos) - Pirão de arroz, temperado com azeite.

Kuziká (banto) – Ato sexual.

L

Labalaba (iorubá) – Borboleta.

Lamba (banto) – Infortúnio.

Larvas astrais – Seres maléficis que se prendem nas auras das pessoas para delas sugarem energia vital. As larvas sempre buscam lugares onde exista sangue.

Lavagem das contas – Ritual que consiste em lavar as guias com o amaci, visando a purificação e energização das mesmas.

Lavagem de cabeça – O mesmo que ritual do amaci.

Lé (iorubá) – O atabaque de menor tamanho.

Legião - O mesmo que falange.

Lei de Umbanda - A crença da Umbanda e dos umbandistas.

Linha – Faixa de vibração espiritual que agrupa as entidades na Umbanda e as identifica por meio de cânticos, doutrinas ou rituais próprios.

Linha branca - Rituais visando unicamente o bem, no qual se trabalha apenas com espíritos de direita.

Linha das Almas – Linha da Umbanda que congrega os Pretos e Pretas-Velhas.

Linha do Oriente – Linha da Umbanda que congrega as entidades que se apresentam como povos do oriente, sendo os Ciganos e Ciganas um dos mais conhecidos.

Loso (Candomblés Bantos) – Arroz.

Lúmbua (Candomblés Bantos) – Cebola.

M

Magia – Utilização das forças da natureza no sentido de tentar transformar as coisas, de mudar o destino.

Magia branca – Forma popular de designar a magia voltada para o bem, de caráter altruísta.

Magia negra – Forma popular de designar a magia voltada para o mal, de caráter egoísta.

M'banga (banto) – Pênis.

M'bembo (banto) – Homem branco.

Macaia (banto) – Erva. Na Umbanda designa a mata cortada por rio(s) e cachoeira(s).

Maconga (banto) – Cantiga.

Macuco (banto) – Mulher velha.

Macumba – Antiga religião sincrética brasileira, atualmente extinta. Atualmente esse termo passou a designar magia.

Mãe criadeira - Responsável pelo filho ou filha-de-santo recolhido durante o período de obrigação. O mesmo que jibonã.

Mãe d'água – Iemanjá.

Mãe-de-santo – Mulher que ocupa o mais alto grau da hierarquia religiosa dentro de um terreiro, responsável por iniciar os adeptos e zelar pela vida espiritual dos filhos e filhas-de-santo. O mesmo que iyalorixá, ialorixá, yalorixá ou zeladora de santo.

Mãe-pequena – Mulher que é a auxiliar direta do pai ou mãe-de-santo, sendo a segunda na hierarquia do terreiro. No caso de mais de uma mãe-pequena, as responsabilidades do cargo são compartilhadas entre elas. O mesmo que iyá kekerê, iakekerê ou yakekerê.

Makanza (Candomblés Bantos) - Bolo de feijão fradinho frito.

Makunde (Candomblés Bantos) - Feijão preto temperado com dendê.

Maleme (iorubá) – Perdão.

Malufo (Candomblés Bantos) – Vinho.

Malungo (banto) – Da mesma idade.

Mameto (banto) – Mãe.

Mandinga - Feitiço, encantamento.

Manifestação - Incorporação, transe mediúnico.

Manjangué (banto) – Irmão.

Mana – Irmã.

Mano – Irmão.

Mão-de-faca - O mesmo que ogã axogum ou ogã atoxogum.

Marafó - Aguardente, cachaça.

Masambala (Candomblés Bantos) - Milho vermelho cozido enfeitado com rodela de goiaba.

Masana (Candomblés Bantos) – Leite.

Masangu (Candomblés Bantos) – Pipoca.

Mateca (Candomblés Bantos) - Banha de carneiro.

Matema (Candomblés Bantos) – Café.

Matombô (banto) – Mandioca, aipim.

Mau-olhado – Vibração má emitida pelo olhar de pessoas invejosas.

Maza (Candomblés Bantos) – Água.

Mazi (Candomblés Bantos) – Azeite.

Mbiji (Candomblés Bantos) – Peixe.

Médium - Pessoa que serve de intermediário entre o mundo físico e o espiritual.

Mediunidade – Faculdade de servir de intermediário entre o mundo físico e o espiritual.

Menga – Sangue.

Menha (Candomblés Bantos) – Água.

Mesa branca – Nome utilizado por algumas entidades para designar o Espiritismo.

Miçangas – Contas miúdas, podendo ter formatos e cores variadas.

Mina – Quando refere-se a escravo, significa o indivíduo da etnia sudanesa.

Mironga (banto) – Segredo, mistério.

Mo (iorubá) – Eu.

Mojimbá – Um tipo de ritual de limpeza da aura.

Mojumbá – Uma das saudações a Exu.

Monjoló (iorubá) - Colar vermelho usado pelas Oloyá, com uma conta amarelo-ouro simbolizando sua ligação com Oxum.

Monoteísmo – Crença em um deus único.

Mossoroça (banto) – Chuva forte.

Muenge (Candomblés Bantos) - Espiga de milho assada.

Mukende (Candomblés Bantos) - Banana da terra frita no dendê.

Mukolo (Candomblés Bantos) – Alho.

Mukunga (Candomblés Bantos) - Papa de milho branco ou vermelho embrulhada na folha de bananeira.

Mumata (Candomblés Bantos) – Tomate.

Múngua (Candomblés Bantos) – Sal.

Mutamba (banto) – Moça bonita.

N

Nagô – Nome dado ao escravo de origem iorubá durante o período escravista brasileiro. Também conhecido como mina.

Najé (iorubá) - Prato ou vasilhas de barro vitrificado.

Ndiba (Candomblés Bantos) - Mingau de farinha de milho branco.

Ndimba (banto) – Cantador.

Ndungu (Candomblés Bantos) – Pimenta.

Nganga (banto) – Feiticeiro, sacerdote.

Ngombe (banto) – Boi.

Nguala (Candomblés Bantos) – Aguardente.

Nguba (Candomblés Bantos) - Amendoim torrado.

Nhorrã (banto) – Cobra.

Nzambi (banto) – Deus.

O

Obá (iorubá) – Rei.

Obatalá – O Orixá supremo da tradição iorubá, criador dos seres humanos. No Brasil é mais conhecido como Oxalá.

Obé (iorubá) – Faca.

Oberó (iorubá) – Alguidar.

Obi (iorubá) - Noz de cola.

Obrigação – Cerimônia ou oferenda ritual feita às entidades, seja com o objetivo de auxílio ou como parte de um ritual de desenvolvimento mediúnico que pode incluir ou não a feitura para o santo.

Obsessão – Perturbação espiritual provocada por quiumbas que pode levar a pessoa obsediada a sofrer problemas de saúde física, emocional e/ou mental, como também provocar situações

econômicas difíceis.

Obsessor – O mesmo que espírito obsessor, quiumba, rabo de encruza.

Ocaiá (banto) – Fumo.

Oca – casa indígena.

Ocara (banto) – Café.

Ochito (banto) – Carne.

Odara (iorubá) - Bom, grande, gostoso, bonito.

Odé (iorubá) – Caçador.

Odo ou **Odô** (iorubá) – Rio.

Odoiá – Aportuguesamento da palavra odoyá.

Odoyá - Saudação à Iemanjá.

Odu (iorubá) - Destino, caminho.

Ofá (iorubá) – Arco-e-flecha.

Oferenda – Presente.

Ogã – Cargo reservado aos homens que não entram em transe mediúnico, cuja função é auxiliar o pai ou mãe-de-santo.

Ogã alabê – Ogã encarregado de tocar os atabaques e de cantar as curimbas, subordinado ao ogã calofê.

Ogã atoxogum – Ogã responsável pelo sacrifício de animais de duas patas, preparado especialmente para realizar o ritual causando o mínimo de sofrimento ao animal sacrificado.

Ogã axogum – Ogã responsável pelo sacrifício de animais de quatro ou de duas patas, preparado especialmente para realizar o ritual causando o mínimo de sofrimento ao animal sacrificado.

Ogã calofê – Ogã responsável por toda a curimba à ser puxada no terreiro e instrutor de toques de atabaque.

Ogã de curimba – Ogã encarregado de cantar as curimbas, subordinado ao ogã calofê.

Ogunhê – Saudação à Ogum.

Ojá (iorubá) - Tecido para se amarrar na cabeça.

Oju (iorubá) – Olho.

Okê Arô - Saudação à Oxóssi.

Okê Caboclos - Saudação aos Caboclos.

Okê Odé - Saudação à Oxóssi.

Okó (iorubá) – Homem.

Okum (iorubá) – Mar.

Olho grande – Inveja, olho gordo.

Olho gordo – Inveja, olho grande.

Olho-de-boi - Semente de Tucumã, utilizada como proteção contra mau-olhado.

Oló – mundo astral, espiritual.

Olodumaré – O mesmo que Olorun.

Olorum – Aportuguesamento da palavra iorubá Olorun.

Olorun (iorubá) – Senhor do céu, divindade suprema na crença iorubá.

Oloyá (iorubá)- Sacerdotisa do culto à Iansã.

Oluô (iorubá) - Pessoa que sabe o jogo de Ifá.

Ombera (banto) – Chuva.

Ombingá (banto) – Magro.

Omboá (banto) – Cachorro.

Omenha (banto) – Água.

Omerá (banto) – Sal.

Omi (iorubá) – Água.

Omi dudu (iorubá) – Café.

Omo (iorubá) – Filho.

Omolocô – Religião sincrética brasileira, com raiz na tradição religiosa do povo Lunda, da região de Quiôco, em Angola.

Omolokô – Variação da palavra Omolocô.

Omungá (banto) – Fogo.

Onã (iorubá) – Caminho.

Ondaca (banto) – Língua.

Ongira (banto) – Caminho, estrada, rua.

Ongolê (banto) – Arco-íris.

Ongoró (banto) – Cavalo, égua.

Onguro (banto) – Porco.

Oni-Beijada – saudação às Crianças.

Oningã (banto) – Mau cheiro.

Onjeque (banto) – Milho.

Onjerê (banto) – Cabelo.

Onjó (banto) – Casa.

Ôpá Xorô - Cajado de metal utilizado por Oxalá.

Oquepá (banto) – Osso.

Ori (iorubá) – Cabeça.

Orin (iorubá) – Cantiga.

Orixá – Divindades da tradição iorubá criadas por Olorun e que são representadas pelas forças da natureza. Na Umbanda designa as emanações energéticas de Zambi.

Orixás de cabeça – O mesmo que Orixá de coroa.

Orixás de coroa – Patronos espirituais de um indivíduo, sendo um Orixá de princípio masculino e um de princípio feminino.

Orixá-Nla (iorubá) – Orixá supremo, um dos títulos de Obatalá.

Orixalá – Aportuguesamento da palavra iorubá Orixá-Nla.

Oronanga (banto) – Roupa.

Orongaje (banto) – Cachaça.

Orossanje (banto) – Galinha.

Orun (iorubá) – Céu.

Orunkó (iorubá) – Nome. Em algumas religiões sincréticas brasileiras tem o mesmo significado de dijina.

Osi (iorubá) – Esquerda.

Ossenhê (banto) – Lua.

Osum (iorubá) - Pó vermelho usado em rituais.

Otá (iorubá) – Pedra.

Otequê (banto) – Dia.

Oti (iorubá) – Cachaça.

Otombô (banto) – Farinha.

Otum (iorubá) – Direita.

Oxalá – Contração de Orixalá. O Orixá supremo da Umbanda e dos Candomblés de Nação da tradição nagô.

P

Padê – Aportuguesamento da palavra iorubá ipadê.

Pai-de-santo - Homem que ocupa o mais alto grau da hierarquia religiosa dentro de um terreiro, responsável por iniciar os adeptos e zelar pela vida espiritual dos filhos e filhas-de-santo. O mesmo que babalorixá ou zelador de santo.

Pai-pequeno – Homem que é o auxiliar direto do pai ou mãe-de-santo, sendo o segundo na hierarquia do terreiro. No caso de mais de um pai-pequeno, as responsabilidades do cargo são compartilhadas entre eles. O mesmo que babá kekerê.

Paramentos - Roupas e objetos utilizados nas cerimônias religiosas.

Parongo (banto) – Carneiro.

Passé - Ato no qual uma entidade incorporada em um médium ou o próprio médium emite vibrações positivas e fluido magnético vital com fins de descarrego (passé de descarrego) ou de energização (passé de energização).

Patuá – Pequeno saco feito de pano ou de couro e que contém um amuleto em seu interior, geralmente

utilizado pendurado na roupa ou guardado no bolso ou na bolsa.

Paxorô – O mesmo que Ôpá Xôrô.

Pedra de raio – Meteorito.

Peji (iorubá) – O mesmo que Gongá.

Pejigã (iorubá) - Ogã que cuida do Peji.

Pemba – Pequeno bastão em formato elíptico, semelhante a um giz, utilizado na Umbanda para riscar pontos e outras determinações ordenadas pelas entidades, podendo ser de diversas cores: branco, vermelho, amarelo, rosa, roxo, azul, marrom, verde e preto.

Perispírito – Envoltório semimaterial do espírito. Nos espíritos encarnados serve de intermediário entre ele e a matéria. Nos espíritos desencarnados, constitui o seu corpo fluídico.

Perna de calça - Palavra utilizada pelas entidades da Umbanda como sinônimo para homem.

Pito – Cachimbo, charuto.

Politeísmo – Crença em vários deuses.

Ponto cantado – O mesmo que curimba.

Ponto riscado – É o mais poderoso instrumento de magia utilizado na Umbanda, consistindo de um conjunto de símbolos feitos com pemba e agrupados de forma a movimentar energias. Também pode ser utilizado para identificar o espírito na Umbanda, sendo nesse caso, único para cada espírito.

Porteira - Entrada do terreiro.

Povo da encruza – Expressão utilizada para designar os Exus e Pombagiras.

Povo de rua – Expressão utilizada para designar os Exus e Pombagiras.

Preceito – Determinação, prescrição feita para ser cumprida pelos filhos de fé.

Presságio – Sinal, aviso de algum acontecimento no futuro.

Pupá (iorubá) – Vermelho.

Puxar o ponto - Iniciar um ponto cantado.

Q

Quartinhas - Vasilha de barro ou de louça (branca ou de cor), onde se firma o poder do Orixá de

determinado indivíduo, sendo geralmente sem alças para Orixás “masculinos” e com alças para Orixás “femininos”.

Quebranto - Mau olhado, feitiço.

Quebrar as forças - Neutralizar o poder de qualquer feitiço, seja para o bem ou para o mal.

Quebrar preceito - Desrespeitar as regras e hábitos estabelecidos no ritual ou nos trabalhos.

Quelê – Colar de contas que os iniciados do Candomblé usam rente ao pescoço, durante algum tempo, como símbolo de recente iniciação.

Quenga (banto) – Vasilha.

Quimbanda – Religião sincrética brasileira cujo culto é dedicado quase que exclusivamente aos Exus pagões e Quiumbas, onde ocorre a prática de magia voltada para o mal visando favorecer ou prejudicar determinadas pessoas.

Quimbundo (banto) – Negro.

Quinar – Ato de macerar ervas verdes em água.

Quipungo (banto) – Chapéu.

Quissamã (banto) – Cemitério.

Quitute (banto) – Gostoso.

Quiumba – Na Umbanda designa o espírito que se compraz em praticar o mal, que procura transmitir aos encarnados idéias de desânimo, ódio, raiva, suicídio e todos os sentimentos negativos, além de suscitar violência entre pessoas, sendo também mistificadores que procuram se passar por espíritos mais evoluídos para melhor enganarem, porém sem conseguirem mater a farsa por muito tempo. O mesmo que espírito obsessor, obsessor, rabo de encruza.

Quiumboto (banto) – Sapo.

Quizila – Proibição ritual, temporária ou permanente, imposta pelo Orixá ao seu filho ou filha.

Quizongo (banto) – Reunião.

R

Rabo de encruza – O mesmo que espírito obsessor, obsessor, quiumba.

Rabo de saia - Palavra utilizada pelas entidades da Umbanda como sinônimo para mulher.

Raspar para o santo – O mesmo que fazer o santo.

Receber mentalização - Comunicar-se mentalmente com uma entidade.

Receber o santo – Ato de incorporar um espírito.

Reencarnação - Ato de um espírito voltar à vida terrestre, tomando um corpo novo, de forma a continuar sua evolução espiritual.

Religião – Sistema filosófico e moral que, em geral, estabelece o culto a uma ou mais divindades.

Riscar o ponto – Ato em que determinada entidade identifica-se através do seu ponto riscado.

Ritanga (Candomblés Bantos) – Abóbora.

Ritual – Cerimônia formal, geralmente de caráter religioso, que segue regras rígidas respeitadas por todos os participantes.

Ritual do amaci – Um dos mais importantes rituais da Umbanda, no qual é feito a lavagem da cabeça dos filhos e filhas-de-santo com o amaci, objetivando a energização da aura dos mesmos e o fortalecimento da ligação deles com seus chefes de coroa.

Roça – O mesmo que ilê.

Roncó – Quarto onde são realizados os rituais privados da iniciação. Lugar reservado do terreiro onde os assentamentos dos Orixás são cultuados.

Rum (iorubá) - O atabaque de maior tamanho.

Rumpi (iorubá) – O atabaque de tamanho médio.

S

Sacudimento – Ritual de descarrego realizado nas pessoas.

Saída-de-iaô - Festa pública de apresentação do iniciado após uma obrigação.

Saluba ou **Salubá** – Saudação de Nanã.

Samba (banto) – Dançarina.

Santeria – Religião sincrética caribenha, semelhante ao Candomblé.

Saravá - Saudação umbandista que corresponde a Salve!

Segui (iorubá) - Contas tubulares, geralmente azuis.

Segurar a gira – Responsabilidade tomada pelo chefe de terreiro, a fim de não permitir perturbações físicas e espirituais na gira.

Sengüe (banto) – Mata, floresta.

Sessão – O mesmo que gira.

Sidagã – O mesmo que adagã ou dagã.

Simpatia – Rituais simples de magia, utilizados para atrair riqueza, atrair amor, prevenir doenças, auxiliar na cura, etc.

Sincorá (banto) – Mulata.

Sincretismo - Fenômeno de associação entre duas ou mais religiões. No Brasil, o exemplo mais visível do sincretismo é a associação entre Orixás e santos católicos.

Subir - Ato no qual as entidades desincorporam dos médiuns, numa alusão de que elas voltariam da terra para o céu.

Sukidi (Candomblés Bantos) – Açúcar.

T

Taba – Conjunto de ocas.

Taba (iorubá) – Tabaco.

Tacape – Uma das arma de guerra ameríndia, constituída de um pedaço de pau grosso e em formato roliço.

Talismã – o mesmo que amuleto.

Tata (banto) – Pai.

Tenda – Templo de Umbanda. O mesmo que cabana, centro.

Terreiro – Local onde ocorre os rituais no interior do templo de Umbanda. Pode designar também o templo de Umbanda em si, nesse caso é o mesmo que cabana, centro e tenda.

Toque – Festa pública do Candomblé em homenagem aos Orixás.

Transe mediúnico – Estado do médium quando nele se manifesta um espírito.

Tuia (banto) – Pólvora.

U

Uanga (banto) – Feitiço.

Uiki (Candomblés Bantos) – Mel.

Uoneme (banto) – Grande.

Urundungo (banto) – Pimenta.

V

Vinganga (banto) – Arroz.

Vissungo (banto) – Cantiga.

Vodu - Religião sincrética haitiana. Popularmente designa feitiço, magia ou trabalho feito para o mal.

Vodun – Divindades da tradição jeje.

Vumbi (banto) – Defunto recente.

W

Waji (iorubá) - Pó azul marinho ou índigo, extraído de diferentes tipos de árvores, usado em rituais.

X

Xaorô (iorubá) – Guizo.

Xerê (iorubá) - Espécie de chocalho.

Xirê (iorubá) - Roda de Orixás.

Xutu (Candomblés Bantos) – Carne.

Y

Yalorixá – Aportuguesamento da palavra iorubá iyalorixá.

Yakekerê - Aportuguesamento da palavra iorubá iyá kekerê.

Z

Zabelê (banto) – Vaidoso.

Zalata (Candomblés Bantos) - Alface e chicória.

Zambi – Aportuguesamento da palavra banto Nzambi. Palavra utilizada pela Umbanda para designar Deus.

Zara (banto) – Fome.

Zelador de santo – O mesmo que pai-de-santo ou babalorixá.

Zeladora de santo – O mesmo que mãe-de-santo, iyalorixá, ialorixá ou yalorixá.

Zungu (banto) – Cova, buraco.

FONTES CONSULTADAS

LIVROS

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DORLING KINDERSLEY LIMITED. **Atlas da história do mundo**. 2. ed. Londres: Dorling Kindersley Limited, 2005.

OMULU, Caio de. **Umbanda Omolokô**: liturgia, rito e convergência (na visão de um adepto). São Paulo: Ícone, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, (p. 281-302).

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa**: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

PERIÓDICOS

CALAINHO, Daniela Buono. Feiticeiros negros no Brasil colonial. **Nossa História**, São Paulo, Editora Vera Cruz, ano 2, n. 18, p. 67-71, abr. 2005.

SILVEIRA, Cadu. A religião dos encantados. **Revista Destino**, Rio de Janeiro, Editora Globo, Ano VI, n. 95, p. 42 – 45, mai. 1995.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. O reino do zungu. **Nossa História**, São Paulo, Editora Vera Cruz, ano 3, n. 29, p. 46-49, mar. 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. Calundu e seus significados. **Nossa História**, São Paulo, Editora Vera Cruz, ano 1, n. 7, p. 98, mai. 2004.

VAINFAS, Ronaldo. Santos e rebeldes. **Revista de História**, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, ano 1, n. 1, p. 40-44, jul. 2005.

INTERNET

BORBA, Ivan. **Culto Omolocô ou Umbanda Primitiva**. Disponível em <<http://br.geocities.com/borbaivan/>>. Acesso em 04 set. 2007.

BRESCANCINI, Adriana. **Tambor de Mina**. Disponível em <<http://www.girasdeumbanda.com.br/tambordemina.asp>>. Acesso em 05 Jun. 2008.

DAMASCENO, Walmir. **Algumas normas e regras que permeiam o candomblé de tradição angola-kongo**. Disponível em <<http://www.afropress.com/colunistasLer.asp?id=66>>. Acesso em 26 fev. 2008.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS E CULTO AOS ANCESTRAIS AFRO-BRASILEIROS. **Candomblé de Angola**. Disponível em <<http://www.fietreca.org.br/candombleangola.htm>>. Acesso em 04 mar. 2008.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **As religiões afro-brasileiras no Maranhão**. Disponível em <www.cmfolclore.ufma.br/levantamentos/IndiceAutor-novo.doc>. Acesso em 05 jun. 2008.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **Repensando o turco no Tambor de Mina**. Disponível em <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n15_p56.pdf>. Acesso em 05 jun. 2008.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **Tambor de mina e Terecô no Maranhão**. Disponível em <<http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt16.htm>>. Acesso em 05 jun. 2008.

ITM MINING LIMITED. **Cultura Lunda- Tchokwe**. Disponível em <<http://www.culturalunda-tchokwe.com/>>. Acesso em 04 jul. 2008.

LOPES, Manoel. **A evolução dos cultos ameríndios – católicos - africanos e suas raízes**. Disponível em <http://www.mataverde.brasilpodcast.net/ler_materia.php?id2=7> Acesso em 08 out. 2007.

MANUELA. **Nações**. Disponível em <<http://candomble.wordpress.com/tag/nacoes/>>. Acesso em 04 set. 2007.

MULTIRIO. **A Santidade**. Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/santidade.html>>. Acesso em 19 nov. 2007.

MULTIRIO. **Ação dos Jesuítas: Catequese e Aldeamentos**. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/acao_jesuitas.html>. Acesso em 19 nov. 2007.

- OXALÁ, Tateto Fernando de. **Correspondência dos Orixás**. Disponível em <<http://www.uniafro.com.br/omoloko.htm>>. Acesso em 02 jul. 2008.
- OXALÁ, Tateto Fernando de. **Linhagem do Culto Omolocô**. Disponível em <<http://www.uniafro.com.br/omoloko.htm>>. Acesso em 02 jul. 2008.
- PEREIRA, José A. Tonezzi. **Ritual do Toré**: a “ciência do índio” como identidade e resistência. Disponível em <<http://hemi.nyu.edu/course-rio/perfconq04/students/work/jose.htm>>. Acesso em 15 jan. 2008.
- PICORELLI, Lecy. **Omolocô**: Identidade de uma Religião Afro-Brasileiros. Disponível em <<http://www.fbu.com.br/fbu.html>>. Acesso em 04 set. 2007.
- PRANDI, Reginaldo, VALLADO, Armando, SOUZA, André Ricardo de, SOUZA, Patrícia Ricardo de. **O Candomblé de Caboclo em São Paulo**. Disponível em <www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/pq01-5.doc>. Acesso em 26 fev. 2008.
- PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé** (Cap I: Deuses Africanos no Brasil.). Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/her-axe1.htm>> Acesso em 26 fev. 2008.
- PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé**: candomblé e umbanda no mercado religioso. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>> Acesso em 13 set. 2007.
- SILVA, Apolônio A. da. **A Nação Omolocô**. Disponível em <<http://www.uniafro.com.br/omoloko.htm>>. Acesso em 02 jul. 2008.
- TENDA ESPÍRITA CABOCLO COBRA VERDE. **Almas e Angola**. Disponível em <http://www.uniafro.com.br/almas_e_angola.htm>. Acesso em 23 jun. 2008.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda, um ensaio de ecletismo. In: OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das macumbas à Umbanda**: a construção de uma religião brasileira (1908-1941). Rio de Janeiro: Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, 2003, (p. 18).
- WIKIPEDIA. **Batuque**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Batuque>>. Acesso em 01 abr. 2008.
- WIKIPEDIA. **Candomblé bantu**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9_bantu>. Acesso em 26 fev. 2008.
- WIKIPEDIA. **Candomblé Jeje**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9_Jeje>. Acesso em 31 mar. 2008.
- WIKIPEDIA. **Candomblé**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Candombl%C3%A9>>. Acesso em 29 fev. 2008.

- WIKIPEDIA. **Catimbó**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Catimb%C3%B3>>. Acesso em 04 jan. 2008.
- WIKIPEDIA. **Omolokô**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Omolok%C3%B4>>. Acesso em 16 mai. 2008.
- WIKIPEDIA. **Tabela Orixas-Voduns-Nkisis**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela_Orixas-Voduns-Nkisis>. Acesso em 26 fev. 2008.
- WIKIPEDIA. **Tambor de Mina**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tambor_de_Mina>. Acesso em 05 jun. 2008.
- WIKIPEDIA. **Tupã**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tup%C3%A3>>. Acesso em 27 out. 2007.
- WIKIPEDIA. **Xambá**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xamb%C3%A1>>. Acesso em 15 jan. 2008.
- WWW.CATIMBO.COM.BR. **Catimbó**. Disponível em <<http://www.catimbo.com.br>>. Acesso em 04 jan. 2008.
- WWW.XAMBA.COM.BR. **Xambá**. Disponível em <<http://www.xamba.com.br>>. Acesso em 15 jan. 2008.
- WWW.XANGOSOL.COM. **Rituais da Nação Ijexá no Rio Grande do Sul**. Disponível em <<http://www.xangosol.com>>. Acesso em 01 abr. 2008.